

Primeira Epístola de Paulo aos CORÍNTIOS



Autor Esta carta contém o nome de Paulo como sendo o autor. Não existe questionamento sério contrário à afirmação de que Paulo tenha sido o autor das cartas aos Coríntios. Estas epístolas são reconhecidas em toda parte como sendo fundamentais para a nossa compreensão do apóstolo Paulo, do seu ministério, e da sua mensagem.



Data e Ocasão Paulo esclarece, em 16.8, que escreveu esta carta quando estava em Éfeso, durante a sua terceira viagem missionária (53-57 d.C.). Tendo em vista que o apóstolo ficou em Éfeso por mais de dois anos (At 19.8,10), 1Coríntios foi escrito em torno de 55 d.C.

Embora Lucas não diga nada sobre esta correspondência no Livro de Atos, ele fornece algumas informações importantes sobre a fundação da igreja em Corinto, durante a segunda viagem missionária de Paulo (50-52 d.C.; At 18.1-11). Paulo chegou a Corinto depois de sua visita a Atenas (At 17.16-34), uma experiência que havia renovado em sua mente a convicção da tolice da sabedoria humana. Evidentemente, este incidente com os filósofos atenienses havia aumentado a determinação de Paulo para com a pregação da mensagem simples da cruz, não importando quão ofensiva fosse considerada por alguns (2.1-5). Segundo, com o apoio de um casal cristão influente, Áquila e Priscila (16.19), Paulo pregou na sinagoga até que a oposição judaica forçou-o a focalizar o seu ministério aos gentios. Terceiro, a congregação cristã em Corinto, composta de judeus e gentios, floresceu dramaticamente (At 18.8-10). Finalmente, o ministério de Paulo em Corinto foi razoavelmente longo (durou mais do que dezoito meses, conforme At 18.11,18). Paulo tinha razões para esperar que os cristãos coríntios tivessem um pouco de maturidade espiritual.

Esta carta revela que a igreja de Corinto, em vez de amadurecer nesse período intermediário, desenvolveu uma quantidade espantosa de problemas sérios, tais como divisão, abuso dos sacramentos, desordem durante os cultos, problemas teológicos e os extremos da frouxidão moral e de um ascetismo doentio. O que aconteceu? Corinto era uma das maiores cidades do mundo romano e uma das mais corruptas (At 18.1, nota). Sendo um centro estratégico de comércio, a cidade buscava proporcionar prazeres internacionais. Nesse cenário, os cristãos se polarizaram, alguns

insistindo em que a sua associação com os pecadores era permissível e necessária, e outros argumentando que um certo isolamento era essencial para preservar a santidade. Essas tendências opostas cresceram descontroladamente em Corinto e ameaçaram o futuro daquela congregação.

Podemos inferir, a partir de 5.9, que Paulo tinha enviado uma carta anterior à igreja (que provavelmente tenha se perdido), exortando os crentes coríntios para que se separassem dos cristãos imorais. Esta carta também deve ter contido um pedido de oferta (16.1-4) e, provavelmente, outras instruções relacionadas a problemas na congregação. Esses problemas não acabaram. Posteriormente, o apóstolo recebeu notícias de que a igreja em Corinto estava sendo despedaçada pelas divisões internas, especialmente como resultado da ação de alguns na congregação, que viam a si mesmos como sendo mais espirituais ou inteligentes do que os outros irmãos (1.11-12; 3.1-4; 8.1-3). Paulo também soube de outras coisas: críticas feitas a ele, imoralidade desenfreada e processos judiciais entre cristãos (4.1-4; 5.1; 6.1-6). Além disso, a própria igreja havia escrito a Paulo pedindo instruções sobre questões tais como casamentos e divórcios, comida oferecida aos ídolos, dons espirituais e o método que Paulo estava utilizando para a sua coleta (7.1,25; 8.1; 12.1; 16.1). Eles também pediram uma visita de Apolo (16.12). O apóstolo havia sido confrontado com uma tarefa enorme, e esta longa carta aos Coríntios foi uma tentativa de tratar o problema.



Características e Temas O conteúdo da carta é determinado pelos tipos de problemas que apareceram em Corinto. Muitos estudiosos têm sugerido que ela seja entendida como um tratamento não sistemático baseado na distinção entre as questões que tinham sido relatadas a Paulo (caps. 1—6) e problemas que os coríntios tinham levantado na carta que enviaram ao apóstolo (caps. 7—16). Tal esboço nos fornece uma visão panorâmica valiosa. Atrás da grande diversidade de questões abordadas nesta carta existem alguns problemas profundos e recorrentes. Desafios à autoridade de Paulo, orgulho sobre a espiritualidade pessoal e, especialmente, a falta de amor eram questões fundamentais que o apóstolo precisava tratar. Na medida em que trata cada um dos temas, o apóstolo revela o seu ensino sobre doutrinas importantes, incluindo a soberania de Deus, a natureza da Igreja, a santificação e a ressurreição do corpo.

Esboço de 1Coríntios

I. Introdução (1.1-9)

II. O relato da casa de Cloe (1.10—6.20)

A. Divisões na igreja (1.10—4.21)

1. O relato (1.10-17)

2. O evangelho e a sabedoria verdadeira (1.18—3.4)

3. Ministério e apostolado (3.5—4.21)

B. Problemas morais e éticos (caps. 5—6)

1. Um caso de incesto (cap. 5)

2. Processos legais (6.1-11)

3. Imoralidade sexual (6.12-20)

III. Resposta à carta dos Coríntios (7.1—16.12)

A. Casamento e divórcio (cap. 7)

1. O relacionamento conjugal (7.1-9)
2. A questão do divórcio (7.10-24)
3. O problema especial das "virgens" (7.25-40)
- B. Comida oferecida aos ídolos (8.1—11.1)
 1. O problema e sua solução básica (cap. 8)
 2. A autoridade de Paulo para lidar com o problema (cap. 9)
 3. Os israelitas como exemplo (10.1-22)
 4. Conclusões (10.23—11.1)
- C. O Culto (11.2-34)
 1. O véu (11.2-16)
 2. A Santa Ceia (11.17-34)

- D. Dons espirituais (caps. 12—14)
 1. Unidade e diversidade (cap. 12)
 2. A grandiosidade do amor (cap. 13)
 3. Profecia e línguas (14.1-25)
 4. O princípio da ordem (14.26-40)
- E. A ressurreição (cap. 15)
 1. A ressurreição de Cristo é essencial (15.1-11)
 2. A certeza da ressurreição (15.12-34)
 3. O corpo ressurreto (15.35-49)
 4. Conclusão (15.50-58)
- F. Sobre a coleta e outros assuntos (16.1-12)
- G. Conclusão (16.13-24)

Prefácio e saudação

1 Paulo, ^achamado ^bpela vontade de Deus para ser apóstolo de Jesus Cristo, e o irmão ^cSóstenes, ² à igreja de Deus que está em Corinto, aos ^dsantificados ^e em Cristo Jesus, ^fchamados para ser santos, com todos os que em todo lugar invocam o nome de ^gnosso Senhor Jesus Cristo, ^hSenhor deles e nosso: ³ ⁱgraça a vós outros e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.

Ação de graças

⁴ Sempre dou graças a [meu] Deus a vosso respeito, a propósito da sua graça, que vos foi dada em Cristo Jesus; ⁵ porque, em tudo, fostes enriquecidos nele, ⁱem ² toda a palavra e em todo o conhecimento; ⁶ assim como ^o testemunho de Cristo tem sido confirmado ³ em vós, ⁷ de maneira que não vos falte nenhum dom, ^maguardando vós a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo, ⁸ ⁿo qual também vos confirmará até ao fim, ^opara serdes irrepreensíveis no Dia de nosso Senhor

Jesus Cristo. ⁹ ^pFiel é Deus, pelo qual fostes chamados ^qà comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor.

Exortação à unidade

¹⁰ Rogo-vos, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, ^rque ^sfaleis todos a mesma coisa e que não haja entre vós ⁵divisões; antes, sejais inteiramente unidos, na mesma disposição mental e no mesmo parecer. ¹¹ Pois a vosso respeito, meus irmãos, fui informado, pelos da casa de Cloe, de que há ^tcontendas entre vós. ¹² Refiro-me ao fato de ^ucada um de vós dizer: Eu sou de Paulo, e eu, de ^vApolo, e eu, de ^wCefas, e eu, de Cristo. ¹³ Acaso, ^xCristo está dividido? Foi Paulo crucificado em favor de vós ou fostes, porventura, batizados em nome de Paulo? ¹⁴ Dou graças [a Deus] porque a ^ynenhum de vós batizei, exceto ^zCrispo e ^aGaio; ¹⁵ para que ninguém diga que fostes batizados em meu nome. ¹⁶ Batizei também a casa de ^bEstéfanos; além destes, não me lembro se batizei algum outro. ¹⁷ Porque não me enviou Cristo para batizar, mas para



CAPÍTULO 1 1 ^aRm 1.1 ^b2Co 1.1 ^cAt 18.17 2 ^d[At 15.9] ^eRm 1.7 ^f[1Co 8.6] ^g[Rm 3.22] ^hseparados 3 ^hRm 1.7 4 ⁱRm 1.8 5 ^j[1Co 12.8] 2 em todo o falar 6 ^k2Tm 1.8 3 Ou entre 7 ^mFm 3.20 8 ⁿ1Ts 3.13; 5.23 ^oCl 1.22; 2.7 9 ^pIs 49.7 ^q[Jo 15.4] 10 ^r2Co 13.11 4 Terhais um testemunho uniforme 5 ^scismas ou dissensões 11 ^tdiscussões 12 ^u1Co 3.4 ^vAt 18.24 ^wJo 1.42 13 ^x2Co 11.4 14 ^yJo 4.20 ^zAt 18.8 ^aRm 16.23 16 ^b1Co 16.15,17

•1.1 apóstolo. Alguém comissionado diretamente por Cristo como seu mensageiro autorizado (2Co 1.1, nota). Paulo salienta a significação desse ofício apostólico em outros lugares (cap. 9; 15.1-11; 2Co 10—12; Gl 1). Alguns dos problemas da igreja em Corinto envolviam desafios contra a autoridade de Paulo.

Sóstenes. Talvez a mesma pessoa mencionada em At 18.17, dirigente da sinagoga de Corinto, no tempo da primeira visita de Paulo à cidade.

•1.2 aos santificados... chamados para ser santos. A palavra "santos" chama atenção para a posição distintiva do povo de Deus. Paulo com frequência a usa para identificar os crentes para quem ele escrevia (p. ex., Rm 1.7). A descrição, "santificados" (ver nota textual) sublinha esse aspecto da vida cristã. Os crentes de Corinto estavam sendo falhos quanto a problemas éticos, e esta epístola toca reiteradamente no assunto da santificação. Desde o início da epístola, Paulo chama atenção para o fato. Significativamente, entretanto, ele os encoraja, de maneira tipicamente pastoral, lembrando-lhes o fato de que eles eram santificados (6.11). O alvo da santidade é realístico, porquanto Deus já havia transformado seus corações (Rm 6.1-14; Gl 5.24-25).

•1.5 em tudo, fostes enriquecidos nele. Os crentes coríntios estavam sendo tentados a se orgulharem de seus dons de "conhecimento" e do falar em "línguas" (8.1; 14.23). Paulo precisa repreendê-los por sua fraqueza moral e pelo abuso desses dons, mas ele não nega e nem minimiza as bênçãos que eles tinham recebido (v. 7).

•1.8 confirmará. Paulo encoraja seus leitores, assegurando-lhes que Deus, que tinha começado neles uma obra da graça, podia ser alvo da confiança deles, pois completaria essa obra. De fato, eles seriam apresentados "irrepreensíveis" por

ocasião da volta de Cristo. Note as similaridades entre os vs. 8-9 e Fp 1.6,10 (cf. Ef 5.26-27; 1Ts 5.23-24).

•1.10 Rogo-vos, irmãos. Essa exortação começa o corpo da epístola e anuncia a preocupação primária de Paulo. Ele tinha ouvido (vs. 11-12) que a unidade da igreja em Corinto tinha sido quebrada. Muitos dos problemas tratados nesta epístola refletem o espírito de dissensão que havia na comunidade.

•1.11 pelos da casa de Cloe. Cloe deve ter sido uma cristã influente, talvez membro da igreja em Corinto, embora ela não seja mencionada em outros lugares.

•1.12 Apolo. Um eficiente pregador cristão de Alexandria, que tinha ministrado em Éfeso e em Corinto (At 18.24—19.1).

Cefas. O nome aramaico de Simão Pedro. Ele era obviamente popular entre alguns grupos de crentes em Corinto (talvez os crentes judeus), mas não fica claro se Pedro tinha, realmente, visitado a igreja dali.

•1.13 Acaso, Cristo está dividido. Com essa pergunta, Paulo antecipa um de seus ensinamentos fundamentais sobre a Igreja. Assim como o corpo físico é um só, embora formado de muitos membros, assim também se dá com a Igreja, que é o corpo de Cristo, a qual não pode ser dividida (10.16-17; 11.29; 12.12, nota).

•1.14 Crispo. O dirigente da sinagoga, cuja conversão ficou registrada em At 18.8. **Gaio.** Um nome comum. Talvez esse seja o mesmo Gaio descrito em At 19.29.

•1.16 a casa de Estéfanos. Os primeiros convertidos de Paulo em Corinto, respeitados por sua dedicação. O próprio Estéfanos foi um dos representantes da igreja, que trouxe uma comunicação escrita dos crentes de Corinto para Paulo (16.15-17). Ver "O Batismo Infantil", em Gn 17.12.

pregar o evangelho; ^cnão com sabedoria de palavra, para que se não anule a cruz de Cristo.

A mensagem da cruz

¹⁸ Certamente, a palavra da cruz é ^dloucura para ^eos que se perdem, mas para nós, ^fque somos salvos, ^gpoder de Deus.

¹⁹ Pois está escrito:

^hDestruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos instruídos.

²⁰ Onde está o sábio? Onde, o escriba? Onde, o ⁱinquiridor deste século? Porventura, ^jnão tornou Deus louca a sabedoria do mundo? ²¹ Visto como, na ^ksabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura da pregação. ²² Porque tanto os ^ljudeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria; ²³ mas nós pregamos a Cristo crucificado, ^mescândalo ⁿpara os judeus, ^oloucura para os ^pgentios; ²⁴ mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, ^qpoder de Deus e ^rsabedoria de Deus. ²⁵ Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.

A vocação dos santos

²⁶ Irmãos, ^sreparai, pois, na vossa vocação; ^tvisto que não fo-



¹⁷ c [1Co 2.14, 13] ¹⁸ d 1Co 2.14 e 2Co 2.15 f [1Co 15.2] g Rm 1.16 2.20 ²² m Mt 12.38 ²³ n Lc 2.34 o [1Co 2.14] ^d aquilo que ofende ou causa repulsa, que levanta oposição ^q TR e M as gregos ²⁴ p [Rm 1.4] q Cl 2.3 ²⁶ r Jo 7.48 ⁱ considerai ² Gr. eugeneis, lit. bem-nascidos, nobres ²⁷ s Mt 11.25 ²⁸ 3Gr. agene, lit. sem família, plebeu, sem importância ³⁰ t [2Co 5.21] ³¹ u Jr 9.23-24
CAPÍTULO 2 ¹ Cf. TR e M; NU mistério ² a Gl 6.14 ³ b [2Co 4.7] c At 18.1 ⁴ d 2Pe 1.16 e Rm 15.19 ² Cf. NU; TR e M acrescentam humana; NU omite ⁵ f 1Ts 1.5

• **1.17 sabedoria de palavra.** A igreja de Corinto tinha um interesse doentio pela exibição retórica. Paulo enfocará a sua atenção sobre o que é a verdadeira sabedoria (1.18—2.16; 3.18-23). Neste versículo, ele relembra aos crentes de Corinto que o poder de sua própria pregação não dependia desse tipo de habilidade (2.1-5).

• **cruz de Cristo.** Na opinião daqueles que são sábios de acordo com o mundo, a proclamação do Senhor crucificado é uma insensatez. Paulo, por conseguinte, trata “a sabedoria” e “a cruz” como valores opostos (v. 23, nota).

• **1.18 se perdem... somos salvos.** De acordo com a Bíblia, haverá dois tipos de reação ao evangelho, que se originam no propósito eletivo de Deus (Is 6.9-10; Lc 2.34; Rm 9.10-12; 2Co 2.15-16). Essa verdade não torna Deus responsável pelos incrédulos que perecem; esses perecem por causa de seus próprios pecados e por causa de sua impenitência obstinada. Aqueles que creem e são salvos, por outra parte, são aqueles que “foram chamados” (v. 24; Rm 9.16).

• **1.20 sábio... escriba... inquiridor.** Não fica claro se Paulo tencionava estabelecer uma aguda distinção entre essas três categorias. Talvez a primeira seja geral em seu caráter, ao passo que as outras duas sejam, especificamente, os escribas judeus e os mestres gregos.

• **deste século... do mundo.** Grande parte da teologia de Paulo estava edificada sobre a oposição básica entre “este mundo perverso” (Gl 1.4), ou mundo, que se caracteriza pela “carne”, e a era vindoura, que já raiou para aqueles que receberam o Espírito (10.11; Gl 5.16-17; Ef 1.13-14; 2.16; Fp 3.20).

• **1.21 pela loucura da pregação.** Esta passagem está cheia de intensa ironia. Aqueles que são sábios de acordo com os padrões do mundo pensam que o evangelho é uma loucura. Mas até mesmo a coisa mais “louca” acerca de Deus é mais sábia do que a sabedoria humana (vs. 25, 27). Deus pode usar a simplicidade do evangelho para demonstrar que a real insensatez pertence àqueles que se opõem a ele (v. 27). A arrogância da sabedoria humana cega os incrédulos para com a verdade. Jesus agradeceu ao Pai por sua boa vontade em haver ocultado essas coisas aos sábios e entendidos e tê-las revelado às criancinhas (Mt 11.25-26).

• **1.23 pregamos a Cristo crucificado.** Paulo identificou aqui, precisamente, o

ram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos ²de nobre nascimento; ²⁷ pelo contrário, ^sDeus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; ²⁸ e Deus escolheu as ³coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; ²⁹ a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus.

Valores de Cristo

³⁰ Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e ^tjustiça, e santificação, e redenção, ³¹ para que, como está escrito:

^uAquele que se gloria, glorie-se no Senhor.

O caráter da pregação de Paulo

2 Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o ¹testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria. ² Porque decidi nada saber entre vós, ^asenão a Jesus Cristo e este crucificado. ³ E foi ^bem fraqueza, temor e grande tremor que ^ceu estive entre vós. ⁴ A minha palavra e a minha pregação ^dnão consistiram em linguagem persuasiva de ^esabedoria, ^emas em demonstração do Espírito e de poder, ⁵ para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no ^fpoder de Deus.

que o mundo acha de ofensivo no evangelho (cf. o v. 17; 2.2). Talvez essas palavras também sejam um reflexo da razão da oposição de Paulo ao evangelho, antes de sua conversão. O pensamento que o Messias (o unigêito de Deus) esteve pendurado em um madeiro, e que isso o fizera cair debaixo de uma maldição divina (Gl 3.13; Dt 21.23), era intolerável para muitos judeus.

• **1.24 Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus.** A sabedoria e o poder de Deus não são forças abstratas, mas são qualidades pessoais que se manifestam plenamente na vida, nos ensinamentos, na morte e na ressurreição de Jesus Cristo (v. 30; Rm 1.4, 16; Cl 2.3).

• **1.26 reparai, pois, na vossa vocação.** A salvação, por sua própria natureza, não depende dos valores humanos. Até mesmo os membros da igreja de Corinto que poderiam ser justamente admirados não poderiam reivindicar que tinham sido escolhidos por causa de suas boas qualidades. Antes, Deus tem misericórdia de todos quantos reconhecem sua pecaminosidade (Mc 2.17; Jo 9.39-41). Ver “Vocação Eficaz e Conversão”, em 2Ts 2.14.

• **1.29 a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus.** Esse princípio, que Paulo sublinhou no v. 31, ao citar Jr 9.24, provê o alicerce da doutrina bíblica da salvação; trata-se de um dom gracioso da parte de Deus, que neutraliza toda a jactância humana (Ef 2.8-9).

• **1.30 o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria.** Ver nota no v. 24.

• **2.1 quando fui ter convosco.** Paulo devia estar se referindo à sua primeira visita a Corinto, registrada em At 18.1-17 (Introdução: Data e Ocasião).

• **ostentação de linguagem ou de sabedoria.** Influenciados pela cultura grega, alguns dos crentes de Corinto podem ter criticado Paulo por ele não usar as técnicas retóricas de seus contemporâneos (2Co 11.5-6). Ver notas em 4.1, 8-13; 9.3, 19; 10.30; 16.3.

• **2.2 Jesus Cristo e este crucificado.** Ver nota em 1.23.

• **2.3-5** Considerados por si mesmos, estes versículos poderiam sugerir que Paulo era um homem tímido, de pouca educação e incapaz de falar com força e eloquência. Tanto o Livro de Atos (p. ex., 19.8) como as epístolas de Paulo (cap. 13) provam o contrário. A “autoconfiança”, se repousa sobre a arrogância acerca da

ILUMINAÇÃO E CONVICÇÃO

1Co 2.10

O conhecimento dos cristãos a respeito das coisas divinas é mais do que um conhecimento das palavras e das idéias teológicas da Bíblia. É uma compreensão da realidade e da relevância das obras de Deus testemunhadas pelas Escrituras. O "homem natural" (1Co 2.14), que não tem o Espírito, mesmo que esteja familiarizado com idéias cristãs, ainda padece da falta dessa compreensão mais profunda e é como um cego que conduz outro cego (Mt 15.14). Só o Espírito Santo, que "a todas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus" (1Co 2.10), pode levar essa compreensão às mentes e corações obscurecidos pelo pecado. Isto é chamado de "entendimento espiritual", porque é uma compreensão dada pelo Espírito Santo (Cl 1.9; cf. Lc 24.25; 1Jo 5.20). Aqueles que, além de um conhecimento correto das Escrituras, possuem "unção que vem do Santo..." e conhecem todas as coisas (1Jo 2.20).

A obra do Espírito Santo em comunicar essa compreensão, é chamada de "iluminação" ou esclarecimento. Não é uma nova revelação, mas uma obra dentro de nós, que nos capacita a compreender e a afirmar a revelação da Bíblia, quando é lida, pregada e ensinada. O pecado obscurece nossa mente e vontade, de modo que perdemos e resistimos à força das Escrituras. O Espírito, contudo, abre e desanuvia nossa mente e põe o nosso coração em sintonia, de modo a podermos entender aquilo que Deus tem revelado (2Co 3.14-16; 4.6; Ef 1.17-18; 3.18-19). Iluminação é a aplicação da verdade revelada de Deus ao nosso coração, de modo que nós passamos a entender como realidade para nós o que o texto sagrado revela.

Os teólogos protestantes, logo depois da Reforma, falaram sobre a iluminação como um ato da graça que ocorre em dois estágios. O primeiro estágio da iluminação toma lugar quando alguém encontra o ministério da Palavra. Essa iluminação externa prepara uma pessoa para o segundo estágio, que é o ministério interno do Espírito Santo, que conduz à salvação. O Espírito fala através da lei, que convence a pessoa do pecado, e do evangelho, que transmite o conhecimento da graça e perdão de Deus (cf. Lc 1.79). É através da iluminação do Espírito que o ministério da Palavra realiza a chamada eficaz para a salvação.

Embora a iluminação pelo Espírito comece o processo ou sequência da salvação (Hb 6.4; 10.32), ela continua durante toda a vida do crente. O Espírito Santo conduz-nos a uma mais profunda compreensão de Deus (Jo 16.13), levando-nos tanto ao arrependimento dos pecados que cometemos quanto à segurança da graça de Deus e à certeza da nossa eleição. Recebemos essa iluminação através do ministério da Palavra, da oração e da meditação a respeito de Deus e de sua revelação e do esforço para viver nossa vida de modo coerente com a revelação.

A verdadeira sabedoria. O ensino do Espírito Santo

⁶ Entretanto, expomos sabedoria entre os experimentados; não, porém, a sabedoria deste século, nem a dos poderosos desta época, que se reduzem a nada; ⁷ mas falamos a sabedoria de Deus em mistério, outrora oculta, a qual Deus ³preordenou desde a eternidade para a nossa glória; ⁸ sabedoria essa que nenhum dos poderosos deste século conheceu; porque, se a ⁸vissemos conhecido, jamais teriam ^hcrucificado o Senhor da glória; ⁹ mas, como está escrito:



⁷ ³predeterminou ⁸ ⁸Lc 23.34 ^h Mt 27.33-50 ⁹ ⁱ Is 64.4; 65.17; 12.7; [1Co 6.20; Tg 2.26] ^m Rm 11.33 ¹² ⁿ [Rm 8.15]

própria força, reflete o desejo de ser independente de Deus. Paulo já tinha aprendido que Deus pode usar a fraqueza humana para exibir a sua própria glória (2Co 12.7-10). Visto que ele sabia que os homens e as mulheres só se deixarão persuadir na "demonstração do Espírito e do poder", Paulo usou os seus talentos e o seu treinamento com plena confiança.

•**2.6 expomos sabedoria.** O evangelho, a proclamação de Cristo crucificado, entre os experimentados. Este verbo, traduzido literalmente, daria "perfeitos". O apóstolo não tinha em mente alguma categoria especial, de elite, de crentes, uma idéia que pode ter estado presente entre os crentes coríntios. Essa expressão sem dúvida é equivalente a "espiritual" (vs. 13,15; 3.1), referindo-se à influência do Espírito Santo. A pessoa madura ou espiritual é a pessoa que tem o Espírito Santo (cf. o v. 14). Visto que todo verdadeiro crente recebeu o Espírito, todo crente é espiritual e pode compreender a sabedoria de Deus, o evangelho de Jesus Cristo.

•**2.7 a sabedoria de Deus em mistério.** Esta passagem não deveria ser interpretada como uma referência a mistérios acessíveis somente a crentes superiores. As riquezas do evangelho, embora "ocultas" durante o período do Antigo Testamento, agora tinham sido reveladas pelo Espírito (v. 10). Ef 3.2-6 deixa claro que a palavra "mistério", usada por Paulo para enfatizar o caráter distinto de sua mensagem aos gentios, tem um forte significado temporal. Um "mistério" é alguma verdade que, "em outras gerações, não foi dado a conhecer aos filhos dos homens" (Ef 3.5); antes, era algum mistério "guardado em silêncio nos tempos

ⁱ Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam.

¹⁰ Mas ⁷Deus no-lo revelou pelo Espírito; porque o Espírito a todas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus.

¹¹ Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o seu próprio ^lespírito, que nele está? ^m Assim, também as coisas de Deus, ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus.

¹² Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e sim ⁿ o

¹⁰ ⁱ Mt 11.25; 13.11; 16.17; [Gl 1.12; Ef 3.3,5] ¹¹ ⁱ Jo 32.8; Ec

eternos" (Rm 16.25). Mas agora a verdade é claramente revelada àqueles que têm o Espírito, que vivem nos "fins dos séculos" (10.11).

•**preordenou.** Ver nota textual. o mesmo verbo também é usado em Rm 8.29-30 e Ef 1.5, para expressar a certeza da boa vontade de Deus para com o seu povo.

•**2.8 nenhum dos poderosos deste século conheceu.** Os incrédulos fazem ainda parte da era antiga, pelo que não receberam a sabedoria de Deus (v. 14). Paulo enfatiza esse ponto enfocando sua atenção sobre os membros mais influentes da sociedade (1.20).

•**2.9** Em contraste com os sábios deste mundo (que nem ao menos podem conceber a grandeza da salvação divina), aqueles que amam a Deus conhecem e participam de suas bênçãos. A citação está baseada em Is 64.4, mas inclui outras idéias que se encontram no Antigo Testamento.

•**2.10 Mas Deus no-lo revelou.** Ver nota teológica "Iluminação e Convicção". a todas as coisas perscruta. A idéia da sondagem divina (cf. Sl 139.1; Rm 8.27) enfatiza a onisciência de Deus, particularmente seu poder de ver o que é invisível para os seres humanos (Jo 2.25). Essa afirmativa não quer dizer que o Espírito Santo precise buscar conhecimento com o Pai, que de outra maneira ele não teria. O Espírito de Deus sonda as profundidades do conhecimento divino para nosso benefício.

•**2.11 seu... espírito... nele.** Este versículo tenciona fazer uma observação

Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente. ¹³ Disto também falamos, não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo ⁴ Espírito, conferindo coisas espirituais com espirituais. ¹⁴ Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente. ¹⁵ Porém o homem espiritual julga todas as coisas, mas ele mesmo não é julgado por ninguém. ¹⁶ Pois ² quem conheceu a mente do Senhor, que o possa instruir? ⁹ Nós, porém, temos a mente de Cristo.

As dissensões demonstram a falta de espiritualidade

3 Eu, porém, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, e sim como a carnisais, como a ^a crianças em Cristo. ² Leite vos dei a beber, não vos dei alimento sólido; porque ainda não podíeis suportá-lo. Nem ainda agora podeis, porque ainda sois carnisais. ³ Porquanto, havendo entre vós ciúmes e contendas, não é assim que sois carnisais e andais segundo o homem? ⁴ Quando, pois, alguém diz: Eu sou de Paulo, e outro: Eu, de Apolo, não é evidente que andais segundo os homens? ⁵ Quem é Apolo? E quem é Paulo? ⁴ Servos por meio de quem crestes, e isto conforme o Senhor concedeu a cada um. ⁶ Eu plantei, ^f Apolo regou; ^g mas o crescimento veio de Deus. ⁷ De modo que ^h nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento. ⁸ Ora, o que planta e o que rega são um; ⁱ e cada um receberá o seu galardão, segundo o seu próprio trabalho.



13 ⁴ Cf. NU; TR e M acrescentam *Santo*; NU omite **14** ^o Mt 16.23
CAPÍTULO 3 ¹ ^a Hb 5.13 ² ^b 1Pe 2.2 ^c Jo 16.12 ⁵ ^d 2Co 3.3,6
⁸ ⁱ Sl 62.12 ⁹ ^e 2Co 6.1 ^f [Ef 2.20-22] ¹⁰ ^m Rm 1.5 ⁿ 1Co 4.15
¹⁷ ^l violar ¹⁸ ^t Pv 3.7 ¹⁹ ^u Jô 5.13

alicerçada sobre o bom senso, e não oferecer uma análise sobre a personalidade de humana. "Espírito" refere-se geralmente à parte imaterial do ser humano, especialmente às suas faculdades mentais (v. 16, nota).

• **2.12 para que conheçamos.** Ver "A Autenticação das Escrituras", em 2Co 4.6.

• **2.13 conferindo coisas espirituais com espirituais.** O significado preciso desta cláusula tem sido questionado. É provável que Paulo tenha sido criticado por não usar a eloquência e nem a sabedoria humana (v. 1, nota). Como réplica, ele diz que as verdades reveladas pelo Espírito devem ser explicadas de uma maneira harmônica com o Espírito. Ver "A Autoridade das Escrituras", em 2Tm 3.16.

• **2.14 natural.** A pessoa "natural" (no grego, *psychikós*), que ainda pertence à era antiga, é contrastada com a pessoa "espiritual" (no grego, *pneumatikós*; ver 15.44-45, notas).

• **2.15 julga.** O apóstolo podia estar respondendo a indivíduos que se opunham a ele e passavam julgamentos negativos sobre ele (v. 1, nota).

• **2.16 a mente do Senhor.** Ver "Entendendo a Palavra de Deus", em Sl 119.34. Através do Espírito do Senhor, Paulo tinha a mente de Cristo, e, portanto, a mente do Senhor. Aqueles oponentes que não percebiam que o Espírito de Cristo e o Espírito do Senhor são uma mesma pessoa, não tinham base para instruí-lo ou examiná-lo. Por implicação, aqueles que aceitavam o ensino de Paulo tinham a bênção do Espírito e entendiam as realidades divinas.

• **3.1 espirituais.** Isto é, pertencentes ao Espírito Santo (2.6, nota).

carnisais. Ou seja, caracterizados pela carne, a principal palavra usada por Paulo para descrever esta presente era má. Visto que os crentes de Corinto tinham recebido o Espírito Santo, eles eram espirituais no sentido mais fundamental da palavra, mas seu comportamento era tão incoerente com essa verdade que Paulo precisou tratá-los como pessoas que tinham pequeno entendimento espiritual.

• **3.3 ciúmes e contendas.** Ver nota em 1.10.

• **3.6 Eu plantei.** O alvo de Paulo era pregar o evangelho em lugares onde a mensagem de Cristo ainda não tinha sido ouvida (Rm 15.20).

⁹ Porque ⁱ de Deus somos cooperadores; lavoura de Deus, ⁱ edifício de Deus sois vós.

A responsabilidade dos que ensinam

¹⁰ Segundo a graça de Deus que me foi dada, lancei ^o o fundamento como prudente construtor; e outro edifica sobre ele. Porém cada um veja como edifica. ¹¹ Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do ^o que foi posto, ^o qual é Jesus Cristo. ¹² Contudo, se o que alguém edifica sobre o fundamento é ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, ¹³ manifesta se tornará a obra de cada um; pois o Dia a ^q demonstrará, porque ^r está sendo revelada pelo fogo; e qual seja a obra de cada um o próprio fogo o provará. ¹⁴ Se permanecer a obra de alguém que sobre o fundamento edificou, esse receberá galardão; ¹⁵ se a obra de alguém se queimar, sofrerá ele dano; mas esse mesmo será salvo, todavia, como que através do fogo.

¹⁶ Não sabeis que sois santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? ¹⁷ Se alguém ⁱ destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá; porque o santuário de Deus, que sois vós, é sagrado.

A sabedoria humana sem valor

¹⁸ Ninguém se engane a si mesmo: se alguém dentre vós se tem por sábio neste século, faça-se estulto para se tornar sábio. ¹⁹ Porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus; porquanto está escrito:

"Ele apanha os sábios na própria astúcia deles.

16 ^p Is 40.13 ^q [Jo 15.15]
17 ^r 1Co 13.12 ^s 1Co 13.12 ^t 1Co 13.12 ^u 1Co 13.12
18 ^v 1Co 13.12 ^w 1Co 13.12 ^x 1Co 13.12 ^y 1Co 13.12
19 ^z 1Co 13.12 ^{aa} 1Co 13.12 ^{ab} 1Co 13.12 ^{ac} 1Co 13.12

Apolo. Ver nota sobre 1.12.

• **3.9 de Deus somos cooperadores.** Paulo pode ter intencionado dizer que os obreiros cristãos são colaboradores com Deus, ou que os crentes que colaboram uns com os outros pertencem a Deus. O ponto frisado por Paulo torna-se claro pelo contexto: somente Deus é responsável pelo sucesso do ministério cristão.

• **3.10 o fundamento.** Como alguém que fora chamado para proclamar o evangelho onde o mesmo não era conhecido (v. 6, nota), Paulo tinha resolvido nada pregar senão Cristo, e este crucificado (2.2).

• **prudente.** Temos aqui uma clara alusão à discussão anterior sobre a verdadeira sabedoria (1.17; 2.9-10, notas).

• **3.12-15** Estes versículos falam sobre a avaliação do ministério cristão. Alguns que estavam buscando edificar o edifício de Deus em Corinto, mas que dependiam da sabedoria humana, estavam usando materiais perecíveis ("madeira, feno, palha"), os quais não sobrevivem ao julgamento do fogo de Deus, enquanto que esses construtores dificilmente escaparão à destruição. Paulo advertiu à igreja em Corinto que eles, tal como o templo de Salomão (1Cr 22.14-16), deveriam construir com material duradouro. Ver "O Juízo Final", em Mt 25.41.

• **3.16 santuário de Deus.** Deus manifestava a sua presença no templo, enchendo-o com a nuvem de sua glória (1Rs 8.10-11). Agora, ele vive em seu povo enchendo-os com o Espírito Santo. O enfoque de Paulo, aqui, é sobre o povo de Deus como uma coletividade inteira; em 6.19, porém, ele muda a sua ênfase para o corpo formado por crentes individuais.

• **3.17 Deus o destruirá.** Paulo deixa em aberto a possibilidade de que alguns dos construtores da igreja de Corinto não somente estavam usando material perecível, mas também estavam destruindo ativamente a obra de Deus. Esses não serão poupados por ocasião do juízo divino.

• **3.18-20** Aqui o apóstolo retorna mais diretamente ao contraste entre a sabedoria humana e a sabedoria divina (v. 10, nota).

²⁰ E outra vez:

^vO Senhor conhece os pensamentos dos sábios, que são pensamentos vãos.

²¹ Portanto, ninguém se glorie nos homens; porque ^xtudo é vosso; ²² seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas, seja o mundo, seja a vida, seja a morte, sejam as coisas presentes, sejam as futuras, tudo é vosso, ²³ e ^zvós, de Cristo, e Cristo, de Deus.

Os pregadores responsáveis a Deus

4 Assim, pois, importa que os homens nos considerem como ^aministros de Cristo ^be despenseiros dos mistérios de Deus. ² Ora, além disso, o que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel. ³ Todavia, a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós ou por ⁱtribunal humano; nem eu tampouco julgo a mim mesmo. ⁴ Porque de nada me argúi a consciência; contudo, nem por isso me dou por justificado, pois quem me julga é o Senhor. ⁵ ^cPortanto, nada julgueis antes do tempo, até que venha o Senhor, o qual não somente trará à plena ^dluz as coisas ocultas das trevas, mas também ^emanifestará ²os desígnios dos corações; e, ^fentão, cada um receberá o seu louvor da parte de Deus.

Uma reprovação severa

⁶ Estas coisas, irmãos, apliquei-as figuradamente a mim mesmo e a Apolo, por vossa causa, para que por nosso exemplo aprendais isto: não ultrapasseis o que está escrito; a fim de que ninguém ³se ensoberbeça a favor de um em detrimento de outro. ⁷ Pois quem é que te faz ⁴sobressair? E ⁴que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tiveras recebido?

⁸ Já estais fartos, ^hjá estais ricos; chegastes a reinar sem nós; sim, tomara reinásseis para que também nós viéssemos a reinar convosco. ⁹ Porque a mim me parece que Deus nos

pôs a nós, os apóstolos, em último lugar, como se fôssemos condenados à morte; porque nos tornamos ⁵espetáculo⁵ ao mundo, tanto a anjos, como a homens. ¹⁰ Nós somos ⁱloucos por causa de Cristo, e vós, sábios em Cristo; ^hnós, fracos, e vós, fortes; vós, nobres, e nós, desprezíveis. ¹¹ Até à presente hora, sofremos fome, e sede, e nudez; e somos esbofeteados, e não temos morada certa, ¹² ^me nos afadigamos, trabalhando com as nossas próprias mãos. ⁿQuando somos injuriados, bendizemos; quando perseguidos, suportamos; ¹³ quando caluniados, ^oprocuramos conciliação; até agora, ^otemos chegado a ser considerados lixo do mundo, escória de todos.

Paulo os admoesta como pai

¹⁴ Não vos escrevo estas coisas para vos envergonhar; pelo contrário, ^ppara vos admoestar como a filhos meus amados. ¹⁵ Porque, ainda que tivésseis milhares de preceptores em Cristo, não teríeis, contudo, muitos pais; pois eu, pelo evangelho, ^qvos gerei em Cristo Jesus. ¹⁶ Admoesto-vos, portanto, a que ^rsejais meus imitadores. ¹⁷ Por esta causa, vos mandei ^sTimóteo, ^tque é meu filho amado e fiel no Senhor, o qual vos ^ulembrará os meus caminhos em Cristo Jesus, como, por toda parte, ^vensino ^xem cada igreja. ¹⁸ ^zAlguns ^zse ensoberbeceram, como se eu não tivesse de ir ter convosco; ¹⁹ ^amas, em breve, irei visitar-vos, ^bse o Senhor quiser, e, então, conhecerei não a palavra, mas o poder dos ensoberbecidos. ²⁰ Porque ^co reino de Deus consiste não em palavra, mas em ^dpoder. ²¹ Que preferis? ^eIrei a vós outros com vara ou com amor e espírito de mansidão?

A impureza da igreja de Corinto.

Repreensões e exortações

5 Geralmente, se ouve que há entre vós imoralidade e imoralidade tal, como nem mesmo ⁱentre os gentios, isto é,



20 ^vSl 94.11 21 ^x[2Co 4.5] 23 ^z2Co 10.7

CAPÍTULO 4 1 ^aCl 1.25 ^bTt 1.7 3 ⁱLit. dia 5 ^cMt 7.1 ^dMt 10.26 ^e1Co 3.13 /Rm 2.29 ²as intenções 6 ³torne-se arrogante 7 ^gJo 3.27 ⁴distinguir 8 ^hAp 3.17 9 ⁱHb 10.33 ⁵Lit. teatro 10 ^jAt 17.18; 26.24 ^l2Co 13.9 12 ^mAt 18.3; 20.34 ⁿMt 5.44 13 ^oLm 3.45 ^oexortamos, encorajamos 14 ^p1Ts 2.11 15 ^qGl 4.19 16 ^r[1Co 11.1] 17 ^sAt 19.22 ^t1Tm 1.2, 18 ^u1Co 11.2 ^v1Co 7.17 ^x1Co 14.33 18 ^z1Co 5.2 ^ztornaram-se arrogantes 19 ^aAt 19.21; 20.2 ^bAt 18.21 20 ^c1Ts 1.5 ^d1Co 2.4 21 ^e2Co 10.2

CAPÍTULO 5 1 ⁱCf. NU; TR e M acrescentam se nomeia; NU omit

•3.21 ninguém se glorie nos homens. Ver nota em 1.29.

porque tudo é vosso. Esse princípio demonstra o absurdo e a trivialidade das discussões (que estavam havendo) entre os crentes de Corinto. Se pertencemos a Cristo, então, por causa dele, todas as coisas nos pertencem (Rm 8.17, 38-39; Hb 1.2), e a inveja e o ciúme não podem ter lugar em nossas vidas. Quão pouco os crentes de Corinto apreciavam os seus privilégios cristãos é salientado de novo em 6.2.

•4.1 nos considerem como ministros de Cristo. Estes versículos mostram que Paulo estava sendo julgado e atacado pelo menos por alguns dos membros da igreja em Corinto (2.1, nota).

mistérios. Ver nota em 2.7.

•4.3 nem eu tampouco julgo a mim mesmo. Embora a consciência de Paulo estivesse limpa (v. 5), em última análise era Deus quem podia determinar se ele era fiel ou não.

•4.5 nada julgueis. Não temos aqui um mandamento absoluto (5.2; 6.2), mas sim uma referência às críticas sem fundamento levantadas contra Paulo.

trará à plena luz as coisas ocultas. Por ocasião do julgamento, coisa alguma escapará à luz perscrutadora de Deus (Mt 10.26 e paralelos).

•4.8-13 Nesta poderosa passagem, o apóstolo faz uso de uma mordaz ironia para mostrar aos crentes de Corinto quão triviais eram as questões que eles defendiam e quão injustas eram as suas críticas. Os sofrimentos de Paulo eram

comparáveis à dor e à humilhação pública de cativos condenados à morte (2Co 11.23-30). Em contraste, alguns dos coríntios julgavam-se notavelmente bem sucedidos, mas somente porque não entendiam o que significa ser alguém um "louco" por causa de Cristo (v. 10).

•4.14 Não... para vos envergonhar. O coração pastoral de Paulo se revela nestas palavras. A linguagem severa da passagem anterior não tinha por intuito fazer aqueles crentes se sentirem inferiores, mas servia para despertar a sensibilidade deles para com a verdade.

•4.15 milhares de preceptores. Os coríntios se jactavam de sua lealdade a Apolo, a Pedro e a outros, dando a entender que eles não tinham necessidade de Paulo. O apóstolo, porém, relembra-lhes de que seu relacionamento paternal com eles era ímpar, e que eles não tinham razões para atacá-lo.

•4.17 vos mandei Timóteo. Timóteo tinha partido, antes que fosse escrita esta epístola (16.10, nota).

•4.18 como se eu não tivesse de ir ter convosco. Um grupo de crentes de Corinto tinha argumentado que Paulo só era ousado quando estava ausente, e que ele temia enfrentá-los face a face (2Co 10.1-2). Ele tinha-lhes enviado Timóteo (v. 17), aparentemente para evitar um confronto amargo. Mas ele não hesitaria em ir pessoalmente. Deles depende o que aconteceria quando aquela visita tivesse lugar (v. 21; 2Co 13.1-10).

haver quem se atreva a possuir a ^amulher de seu próprio pai. ² ^oE, contudo, ²andais vós ensoberbecidos e não chegastes a ^clamentar, para que fosse tirado do vosso meio quem tamanho ultraje praticou? ³ Eu, ^dna verdade, ainda que ausente em pessoa, mas presente em espírito, já sentenciei, como se estivesse presente, que o autor de tal infâmia seja, ⁴ em ^enome do Senhor Jesus, reunidos vós e o meu espírito, ^fcom o poder de Jesus, nosso Senhor, ⁵ ^gentregue a ^hSatanás para a destruição da carne, a fim de que o espírito seja salvo no Dia do Senhor ³[Jesus]. ⁶ ⁱNão é boa a vossa jactância. Não sabeis que ^jum pouco de fermento leveda a massa toda? ⁷ ^kLançai fora o velho fermento, para que sejais nova massa, como sois, de fato, sem fermento. Pois também ^lCristo, nosso ^mCordeiro pascal, foi ⁿimolado. ⁸ Por isso, ^ocelebremos a festa ^pnão com o velho fermento, nem ^qcom o fermento da maldade e da malícia, e sim com os asmos da sinceridade e da verdade.

⁹ Já em carta vos escrevi que ^rnão vos associásseis com os impuros; ¹⁰ refiro-me, com isto, não propriamente aos impuros deste mundo, ou aos avarentos, ou roubadores, ou idólatras; pois, neste caso, teríeis de ^ssair do mundo. ¹¹ Mas, agora, vos escrevo que não vos associéis ^tcom alguém que,



^a Lv 18.6-8 ² ^b 1Co 4.18 ^c 2Co 7.7-10 ² ^vos tornastes arrogantes ³ ^d Cl 2.5 ⁴ ^e [Mt 18.20] ^f [Jo 20.23] ⁵ ^g 1Tm 1.20 ^h [At 26.18] ³ NU omite Jesus ⁶ ⁱ 1Co 3.21 / Gl 5.9 ⁷ ^j Is 53.7 ^m Jo 19.14 ⁴ ^k Purificai-vos do ⁵ Cf. NU; TR e M acrescentam por nós; NU omite ⁸ ⁿ Ex 12.15 ^o Dt 16.3 ^p Mt 16.6 ^q 2Co 6.14 ¹⁰ ^r Jo 17.15 ¹¹ ^s Mt 18.17 ^t Gl 2.12 ¹³ ^u Dt 13.5; 17.12; 19.19; 21.21; 22.21,24; 24.7
CAPÍTULO 6 ¹ ^a Dn 7.22 ² ^b Sl 49.14 ³ ^c 2Pe 2.4 ⁴ ^d ^{Gr. biootika, que são relativos(as) à vida terrena} ⁷ ^e [Pv 20.22]

•5.1 possuir a mulher de seu próprio pai. O pai de tal homem pode ter morrido, ou então a mulher pode ter sido madrastra desse homem. Seja como for, a relação sexual em vista era uma união incestuosa, explicitamente condenada em Lv 18.8. Embora a cultura greco-romana dos dias de Paulo tolerasse um grande leque de atividades imorais, até os gentios censuravam esse tipo de incesto.

•5.2 andais vós ensoberbecidos. Este versículo é a chave para entendermos a real preocupação de Paulo. O problema fundamental aqui não era o pecado daquele indivíduo, mas a falha da igreja em Corinto para abordar o pecado — de fato, o senso de orgulho deles ao tolerarem (v. 6). É possível que os coríntios tivessem desenvolvido uma teologia que podia acomodar tal imoralidade. Bem pelo contrário, eles tinham a responsabilidade de exercer disciplina, excluindo o ofensor (“para que fosse tirado do vosso meio”).

•5.3-5 Temos aqui uma passagem notadamente difícil. Embora Paulo estivesse ausente da comunidade cristã, ele afirma ter passado um julgamento profético no meio deles. O apóstolo está ordenando que a igreja exclua o ofensor da comunhão deles (“seja... entregue a Satanás”). O propósito desse julgamento era a salvação do homem, mas isso só poderia ser conseguido se suas tendências pecaminosas fossem vencidas (“para a destruição da carne”). De conformidade com certa interpretação de 2Co 2.5-11, aquele homem arrependeu-se de seu pecado. Ver “Disciplina Eclesiástica e Excomunhão”, em Mt 18.15.

•5.6 jactância. Ver notas no v. 2; 1.29.

fermento. O fermento era usado como uma metáfora comum para alguma influência corruptora. Durante a festa anual da Páscoa, os israelitas removiam todo o fermento de suas casas (Êx 12.15).

•5.7 sois, de fato. Paulo faz essa importante qualificação para encorajar os coríntios; em um sentido fundamental, eles já tinham sido purificados (1.2, nota).

Cristo, nosso Cordeiro pascal. O apóstolo desenvolve o simbolismo ao sugerir que o sacrifício da Páscoa, como sombra de melhores coisas por vir (Hb 10.1), apontava para a morte de Cristo.

•5.8 celebremos a festa. O passo final e especialmente belo do argumento de Paulo foi traçar um paralelismo entre a festa dos pães asmos e a vida de pureza que os crentes deveriam levar.

•5.9-11 Antes de haver sido escrita a epístola de 1Coríntios, Paulo havia enviado uma outra epístola (que não mais existe), instruindo os coríntios a se separarem de crentes que praticassem a imoralidade. Ou os coríntios compreenderam mal o apóstolo, como se ele tivesse ordenado que eles se separassem totalmente do mundo, ou então tentaram arredar a questão, ao argumentarem que o pedido

dizendo-se irmão, for impuro, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou bebedor, ou roubador; com esse tal, ¹nem ainda comais. ¹² Pois com que direito haveria eu de julgar os de fora? Não julgais os de dentro? ¹³ Os de fora, porém, Deus os julgará. ¹⁴ Expulsai, pois, de entre vós o malfeitor.

Paulo censura o litígio entre os irmãos

6 Aventura-se algum de vós, tendo questão contra outro, a submetê-lo a juízo perante os injustos e não perante os ^asantos? ² Ou não sabeis que ^bos santos hão de julgar o mundo? Ora, se o mundo deverá ser julgado por vós, sois, acaso, indignos de julgar as coisas mínimas? ³ Não sabeis que havemos de ^cjulgar os próprios anjos? Quanto mais as coisas desta vida! ⁴ Entretanto, vós, quando tendes a julgar negócios ^dterrenos, constituís um tribunal daqueles que não têm nenhuma aceitação na igreja. ⁵ Para vergonha vo-lo digo. Não há, porventura, nem ao menos um sábio entre vós, que possa julgar no meio da irmandade? ⁶ Mas irá um irmão a juízo contra outro irmão, e isto perante incrédulos! ⁷ O só existir entre vós demandas já é completa derrota para vós outros. ⁸ Por que não sofreis, antes, a injustiça? Por que não sofreis, antes, o

dele era destituído de razão. O apóstolo explica que ele tinha em mente qualquer pessoa, tida como crente, cuja vida contradissesse abertamente a fé. A ordem de excluir os ofensores (“com esse tal, nem ainda comais”) diz respeito, primariamente, à vida comunitária dentro da igreja, e provavelmente não ensine que todo contato pessoal devesse ser evitado (2Ts 3.15, “mas adverti-o como irmão”).

•5.12-13 Ao citar o freqüente mandamento de Deuteronômio (p. ex., Dt 17.7), para que os ímpios de Israel fossem expurgados ou excluídos, Paulo traça um importante paralelo entre a comunidade da aliança do Antigo Testamento e a Igreja cristã (10.1-11). A Igreja tem autoridade para exercer disciplina dentro de sua própria comunidade, e não para regulamentar o comportamento de pessoas não-cristãs.

•6.1 Aventura-se algum de vós... a submetê-lo a juízo perante os injustos. Neste versículo, Paulo parece mudar de tópico deixando os males da imoralidade para falar sobre o problema das ações legais entre crentes. Todavia, é importante notar a conexão. Em primeiro lugar, o tópico sobre a imoralidade não fora ainda deixado para trás, pois reaparecerá no v. 9. Em segundo lugar, as falhas dos coríntios, no tocante às ações legais, são um aspecto do problema já discutido no cap. 5, a saber, uma doutrina fraca da igreja. Da mesma forma como os crentes não são responsáveis por regulamentar as vidas de não-crentes, assim também os não-crentes não têm o poder de disciplinar a Igreja. Se os coríntios entendessem a relação entre a comunidade dos israelitas e a comunidade cristã (5.12-13, nota), eles entenderiam ser um absurdo que os crentes salssem da igreja para solucionarem suas disputas. Quem poderia imaginar um gentio pagão a resolver disputas entre os israelitas no deserto? Este texto não comenta sobre o papel legítimo das autoridades civis em julgarem questões que Deus pôs sob eles. Ver “Os Cristãos e o Governo Civil”, em Rm 13.1.

•6.2-5 O absurdo da situação em Corinto torna-se mais claro quando a pessoa reconhece que, na consumação da história (mas não antes; 5.12-13), os crentes participarão, juntamente com Cristo, no julgamento não somente dos incrédulos, mas também dos anjos. Até o menos qualificado entre os crentes de Corinto estava em melhor posição do que um incrédulo para arbitrar disputas na igreja local.

•6.7 Por que não sofreis, antes, a injustiça. Esta notável pergunta deixa óbvio quão crítico era o princípio da comunidade para o apóstolo. Certamente, o ponto aqui não é que os crentes estavam sendo encorajados a aceitar abusos da parte de outros. Afinal, o ludíbrio e a injustiça nem ao menos deveriam existir na comunidade cristã. Que tais injustiças existem, e que são, de fato, realizadas pelos crentes uns contra os outros, demonstra o quanto aqueles crentes haviam

SANTIFICAÇÃO: O ESPÍRITO E A CARNE

1Co 6.11

De acordo com o *Breve Catecismo de Westminster* (P. 35), a santificação é “obra da livre graça de Deus, pela qual somos renovados em todo o nosso ser, segundo a imagem de Deus, e habilitados a morrer cada vez mais para o pecado e a viver para a retidão”. É uma mudança contínua operada por Deus em nós, livrando-nos dos hábitos pecaminosos e formando em nós afeições, disposições e virtudes semelhantes às de Cristo. Isso não significa que o pecado seja instantaneamente erradicado, porém é mais do que uma ação contrária pela qual o pecado seja apenas restringido ou reprimido, sem ser progressivamente destruído. A santificação é uma real transformação, não mera aparência.

O significado básico de “santificar” é separar para Deus, para seu uso. Porém Deus opera naqueles a quem ele reivindica como sua propriedade, de maneira a torná-los semelhantes à “imagem de seu Filho” (Rm 8.29). Essa renovação moral, pela qual somos crescentemente mudados naquilo que éramos outrora, ocorre pela ação do Espírito que habita em nós (Rm 8.11; 12.1-2; 1Co 6.11, 19-20; 2Co 3.18; Ef 4.22-24; 1Ts 5.23; 2Ts 2.13; Hb 13.20-21). Deus chama seus filhos para a santidade e, graciosamente, lhes dá o que ele mesmo exige (1Ts 4.4; 5.23-24).

Regeneração é nascimento; santificação é crescimento. Na regeneração, Deus implanta em nós desejos que antes não tínhamos; desejo por Deus, desejos pela santidade, de glorificar o nome de Deus no mundo; desejo de orar, de cultivar; desejo de amar e de fazer bem aos outros. Na santificação, o Espírito “efetua em nós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade”, que capacita o seu povo para cumprir seus novos e santos desejos (Fp 2.12-13). Os cristãos se tornam crescentemente semelhantes a Cristo, quando o perfil moral de Jesus (o “fruto do Espírito”) é progressivamente formado neles (2Co 3.18; Gl 4.19; 5.22-25).

A regeneração é um ato instantâneo de Deus, que leva a pessoa da morte espiritual para a vida. É obra exclusiva de Deus. A santificação é um processo constante, que depende da ação contínua de Deus no crente, e consiste na contínua luta do crente contra o pecado. O método de santificação usado por Deus não é nem ativismo (atividade autoconfiante), nem apatia (passividade confiante em Deus), mas esforço humano dependente de Deus (2Co 7.1; Fp 3.10-14; Hb 12.14). Sabendo que sem a capacitação dada por Cristo não podemos fazer boas obras, mas também sabendo que ele está pronto a fortalecer-nos em tudo o que devemos fazer (Fp 4.13), nós “permanecemos” em Cristo, pedindo constantemente seu auxílio — e o recebemos (Cl 1.11; 1Tm 1.12; 2Tm 1.7; 2.1).

A obra divina de santificação segue o padrão da lei moral revelada por Deus, exposta e exemplificada pelo próprio Cristo. O amor, a humildade e a paciência de Cristo constituem o supremo padrão para os cristãos (Rm 13.10; Ef 5.2; Fp 2.5-11; 1Pe 2.21).

Os crentes encontram dentro de si mesmos impulsos contraditórios. O Espírito sustenta seus desejos e propósitos regenerados, porém seus instintos decaídos (a “carne”) obstruem o caminho deles e os arrastam para trás. O conflito entre “carne” e Espírito é intenso. Paulo diz que é incapaz de fazer o que é certo e incapaz de evitar fazer o que é errado (Rm 7.14-25). Esse conflito e frustração acompanharão os cristãos enquanto viverem no corpo. Contudo, vigiando e orando contra a tentação e cultivando virtudes opostas ao pecado, eles podem, através da ajuda do Espírito, “mortificar” maus hábitos específicos (Rm 8.11-13; Cl 3.5). Assim, os cristãos experimentarão muitos livramentos e vitórias específicos em sua batalha contra o pecado, ao mesmo tempo em que não são expostos a tentações que não possam resistir (1Co 10.13).

dano? ⁸ Mas vós mesmos fazeis a injustiça e fazeis o dano, e isto aos próprios irmãos! ⁹ Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis: ¹⁰ nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem ¹¹ efeminados, nem sodomitas, ¹² nem ladrões, nem avaros, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus. ¹³ Tais fostes ¹⁴ alguns de vós; ¹⁵ mas vós vos lavastes, mas fostes

¹⁶ santificados, mas fostes justificados em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus.

A sensualidade é condenada

¹² ^h Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas ⁵ convêm. Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por ⁶ nenhuma delas. ¹³ Os ⁷ alimentos são para o



⁹ e Gl 5.21 ² Os que se submetem a homossexuais ³ Homossexuais masculinos 11 / [1Co 12.2] ⁸ Hb 10.22 ⁴ separados 12 ^h 1Co 10.23 ³ são proveitosas ⁶ Ou coisa alguma 13 ⁶ Mt 15.17

caído. No entanto, se os coríntios entendessem as sérias implicações de todas as coisas impróprias que ocorriam em sua igreja, e se apreciassem as qualidades que devem caracterizar os crentes (cf. 13.4-7), eles se disporem a sofrer as injustiças muito mais do que impor desgraça à comunidade cristã expondo publicamente os seus delitos nos tribunais civis.

• **6.9 os injustos não herdarão o reino de Deus.** Ver “Antinomismo”, em 1Jo 3.7. Que as coisas deste mundo são incompatíveis com o reino de Deus é um princípio recorrente nas Escrituras (15.50; Gl 5.21). Levanta-se a questão se alguém poderia ser salvo, visto que todos os homens são ímpios. A resposta de Paulo é dupla: Por um lado, Deus deleita-se em justificar o ímpio (Rm 4.5); e, por outro lado, aqueles a quem Deus justifica (declarando-os justos por causa da

morte de Cristo), ele também santifica (conduz os mesmos a uma maneira santa de viver; Rm 6.1-4). Paulo está confiante que os coríntios eram crentes verdadeiros, justificados e santificados (v. 11, nota), e que seu atual mau comportamento era uma anomalia que podia ser corrigida. Somente a persistência na iniquidade seria uma indicação de que a sua fé era falsa, e que eles não tinham lugar no reino de Deus.

• **6.11 mas vós vos lavastes.** Ver notas em 1.2; 5.7; nota teológica “Santificação: O Espírito e a Carne”.

• **6.12-13** Paulo pode estar citando declarações, provavelmente comuns em Corinto, que eram empregadas para justificar (desculpar) comportamento imoral. A resposta de Paulo sugere que, ainda que houvesse um elemento de verdade

estômago, e o estômago, para os alimentos; mas Deus destruirá tanto estes como aquele. Porém o corpo não é para a impureza, mas, para o Senhor, e o Senhor, para o corpo. ¹⁴ Deus ressuscitou o Senhor e também nos ressuscitará a nós pelo seu poder. ¹⁵ Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? E eu, porventura, tomaria os membros de Cristo e os faria membros de meretriz? Absolutamente, não. ¹⁶ Ou não sabeis que o homem que se une à prostituta forma um só corpo com ela? Porque, como se diz, serão os dois uma só carne. ¹⁷ Mas aquele que se une ao Senhor é um espírito com ele. ¹⁸ Fugi da impureza. Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer é fora do corpo; mas aquele que pratica a imoralidade peca contra o próprio corpo. ¹⁹ Acaso, não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? ²⁰ Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo.

Respostas a perguntas acerca do casamento

7 Quanto ao que me escrevestes, é bom que o homem não toque em mulher; ² mas, por causa da impureza,



/Gl 5.19 1Ts 4.3 m [Ef 5.23] 14 n 2Co 4.14 o Ef 1.19 15 p Rm 12.5 16 q Gn 2.24 17 r [Jo 17.21-23] 18 s Hb 13.14 t Rm 1.24 19 u 2Co 6.16 v Rm 14.7 20 x 2Pe 2.1 y Cf. NU; TR e M acrescentam e em vosso espírito, os quais são de Deus; NU omite
CAPÍTULO 7 1 a 1Co 7.8,26 3 c Ex 21.10 5 d J1.26 d1ts 3.5 6 e 2Co 8.8 7 f At 26.29 8 g 1Co 7.1,26 9 h 1Tm 5.14 10 i Mc 10.6-10 /Mt 5.32]

naqueles slogans, os crentes de Corinto tinham pervertido aquelas declarações. De fato, as qualificações do apóstolo têm o efeito de negar o próprio ponto das declarações, e ele termina enfatizando o nobre propósito para o qual Deus nos deu um corpo.

•6.14 também nos ressuscitará a nós. Essa referência à ressurreição é inesperada aqui e reflete, provavelmente, a conexão entre uma doutrina inadequada e uma vida deficiente. Sofrendo a influência do pensamento grego, muitos dos crentes de Corinto parecem ter tido desprezo pelo corpo, chegando ao ponto de negar a futura ressurreição do corpo (cap. 15; 15.35, nota). Dotados de uma doutrina tão fraca, alguns deles podem ter considerado as relações sexuais como inerentemente pecaminosas, por terem lugar através do corpo (7.1-5). Um grupo diferente de coríntios, influenciado pela mesma doutrina falsa, ao que tudo indica, tomou uma posição diferente; visto que não importa aquilo que o homem faz com o corpo, até o próprio comportamento sexual promíscuo não seria errado.

•6.15 vossos corpos são membros de Cristo. A doutrina da união do crente com Cristo é um dos ensinamentos mais fundamentais do apóstolo Paulo. O que é mais significativo neste versículo é que ensina que essa união envolve a pessoa por inteiro, e não somente o corpo (Rm 12.1). Os crentes de Corinto laboravam no erro de pensar que a união sexual com uma prostituta, somente por ser um ato físico, não afetava o relacionamento deles com Cristo.

•6.16-17 um só corpo com ele... é um espírito com ele. O contraste não é que a união com Cristo é algo espiritual, ao passo que a união sexual com uma prostituta é algo físico; Paulo já havia destacado, no v. 15, que a união com Cristo envolve o corpo, um ponto desenvolvido nos vs. 18-20. Aqui, “um espírito” provavelmente seja referência ao Espírito Santo (ver 15.45, nota). Através do Espírito Santo, nós (espírito e corpo) nos tornamos unidos com Cristo, e essa sublime união proíbe entregarmos os nossos corpos a uma prostituta. Se aquilo que Paulo condena aqui tinha algo a ver com as prostitutas que serviam no templo da deusa Afrodite, então as implicações religiosas da imoralidade manifestada entre os crentes de Corinto ficariam ainda mais óbvias (10.20).

•6.18 fora do corpo. O sentido desta passagem tem sido questionado. Parece que há muitos pecados que podem ser cometidos contra o corpo. Não obstante, no ensino paulino, a união física envolvida na imoralidade sexual reveste-se de consequências especiais, porquanto interfere com a nossa identidade cristã como pessoas que foram unidas a Cristo por intermédio do Espírito Santo. Talvez seja significativo que a proibição paulina, neste versículo (“fugi da impureza!”), seja expressa da mesma maneira que o seu mandamento contra a idolatria (10.14).

cada um tenha a sua própria esposa, e cada uma, o seu próprio marido. ³ O marido conceda à esposa o que lhe é devido, e também, semelhantemente, a esposa, ao seu marido. ⁴ A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim o marido; e também, semelhantemente, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim a mulher. ⁵ Não vos priveis um ao outro, salvo talvez por mútuo consentimento, por algum tempo, para vos dedicardes à oração e, novamente, vos ajuntardes, para que Satanás não vos tente por causa da incontinência. ⁶ E isto vos digo como concessão e não por mandamento. ⁷ Quero que todos os homens sejam tais como também eu sou; no entanto, cada um tem de Deus o seu próprio dom; um, na verdade, de um modo; outro, de outro.

8 E aos solteiros e viúvos digo que lhes seria bom se permanecessem no estado em que também eu vivo. ⁹ Caso, porém, não se dominem, que se casem; porque é melhor casar do que viver abrasado.

A estabilidade da família

10 Ora, aos casados, ordeno, não eu, mas o Senhor, que a mulher não se separe do marido ¹¹ (se, porém, ela vier a

•6.19 santuário do Espírito Santo. Neste ponto, Paulo aplica ao indivíduo o conceito da Igreja como o novo templo onde Deus habita (3.16, nota). Apesar de devemos estar conscientes desse caráter pessoal da residência do Espírito Santo em nós, a ênfase das Escrituras recai sobre a identidade coletiva do povo de Deus como um templo santo e como uma casa espiritual (Ef 2.19-22; 1Pe 2.4-5).

•7.1 Quanto ao que me escrevestes. Ver Introdução: Data e Ocasião.

é bom que o homem não toque em mulher. É bem possível que essa declaração fosse usada por um grupo de ascetas entre os crentes de Corinto, os quais condenavam a promiscuidade sexual e argumentavam que o crente deveria evitar o casamento e abster-se de relações sexuais, mesmo dentro do casamento. O apóstolo precisou exercer cuidado a fim de que o seu ensino não fosse distorcido nem em uma e nem em outra direção. Paulo não eliminou simplesmente o lema; ele também se opunha à imoralidade sexual, e reconhece um certo valor em permanecer solteiro (vs. 7-8). Ele pode dar razões específicas e válidas pelas quais um crente poderia decidir-se a ficar solteiro (vs. 29-35). Mas ele precisa corrigir aqueles que demandavam o celibato. Em contextos diferentes, Paulo fala do casamento somente em termos positivos (p. ex., Ef 5.22-33; 1Tm 3.2) e condena aqueles que proibem o casamento (1Tm 4.3).

•7.3-5 Estes são versículos notáveis porquanto revelam pontos de vista que parecem estar muito adiantados para o seu tempo: uma saudável percepção da sexualidade da mulher, e a compreensão da completa igualdade existente entre um homem e uma mulher, na área mais íntima de seu relacionamento. As Escrituras não dão qualquer apoio à noção de que as relações sexuais visam unicamente o prazer do marido. O apóstolo permitia uma abstenção temporária do sexo (de maneira similar ao jejum; v. 5), mas ele não permitia uma abstinência demorada. Deus requer que haja união sexual como parte do matrimônio.

•7.6-9 A “concessão” se refere, provavelmente, a breves períodos de abstinência no v. 5: os cônjuges podem — mas não precisam — privar um ao outro do contato sexual, a não ser por breves períodos e por razões específicas. Há certas vantagens, para o trabalho no reino de Deus, quando um crente permanece solteiro, e assim também Paulo pôde desejar pessoalmente que todo crente dedicasse sua vida exclusivamente para o avanço do evangelho. Mas o apóstolo percebe que tal situação não é possível para todos, e que isso só conduziria muitos crentes a tentações de ordem sexual. Outrossim, existem outras razões pelas quais uma pessoa deveria casar-se, mas que não são relevantes à presente discussão (v. 1, nota).

•7.10 não eu, mas o Senhor. No v. 12, Paulo disse: “digo eu, não o Senhor”. Mas o apóstolo não estava sugerindo que há uma oposição entre o que ele diz e o

separar-se, que não se case ou que se reconcilie com seu marido); e que o marido não se aparte de sua mulher. ¹² Aos mais digo eu, não o Senhor: se algum irmão tem mulher incrédula, e esta consente em morar com ele, não a abandone; ¹³ e a mulher que tem marido incrédulo, e este consente em viver com ela, não deixe o marido. ¹⁴ Porque o marido incrédulo é santificado no convívio da esposa, e a esposa incrédula é santificada no convívio do marido crente. Doutra sorte, os vossos filhos seriam impuros; porém, agora, são santos. ¹⁵ Mas, se o descrente quiser apartar-se, que se aparte; em tais casos, não fica sujeito à servidão nem o irmão, nem a irmã; Deus vos tem chamado ^m à paz. ¹⁶ Pois, como sabes, ó mulher, se ⁿ salvarás teu marido? Ou, como sabes, ó marido, se salvarás tua mulher?

¹⁷ Ande cada um segundo o Senhor lhe tem distribuído, cada um conforme Deus o tem chamado. É ^o assim que ^o ordeno em todas as igrejas. ¹⁸ Foi alguém chamado, estando circunciso? Não desfaça a circuncisão. Foi alguém chamado, estando incircunciso? ^p Não se faça circuncidar. ¹⁹ A ^q circuncisão, em si, não é nada; a incircuncisão também nada é, mas o que vale é ^r guardar as ordenanças de Deus. ²⁰ Cada um permaneça na vocação em que foi chamado. ²¹ Foste chamado, sendo escravo?



14 ^l Mt 2.15 15 ^m Rm 12.18 16 ⁿ 1Pe 3.1 17 ^o 1Co 4.17 ^l *oriento* 18 ^p At 15.1 19 ^q Gl 3.28; 5.6; 6.15 ^r Jo 15.14 22 ^s Jo 8.36 ^t 1Pe 2.16 23 ^u 1Pe 1.18-19 24 ^v Cl 3.22-24 25 ^x 2Co 8.8 ^y 1Tm 1.13, 16 ^z 1Tm 1.12 26 ^{aa} 1Co 7.1, 8 29 ^{ab} 1Pe 4.7

que o Senhor diz. No tocante ao problema abordado nos vs. 10-11, há uma bem conhecida instrução dada por Jesus, durante o seu ministério terreno (Mc 10.1-12). Nos vs. 12-16, entretanto, Paulo discute sobre uma situação difícil que não fora abordada pelo Senhor. Os seus mandamentos apostólicos, entretanto, vinham-lhe por inspiração e revestiam-se de autoridade divina, conforme o trecho de 14.37 deixa claro.

•7.11 se, porém, ela vier a separar-se. Apesar do mandamento do Senhor, parece que algumas esposas, da igreja de Corinto, influenciadas por um ponto de vista ascético (v. 1), tinham, de fato, se separado de seus maridos. Mas visto que os cônjuges estão vinculados um ao outro até à morte de um deles (v. 39), mesmo que se separem, não poderão casar-se de novo.

•7.12 digo eu, não o Senhor. Ver nota no v. 10.

se algum irmão tem mulher incrédula. Essa é uma daquelas circunstâncias especiais sobre as quais Jesus não deixara instruções diretas. Se um dos cônjuges vier a converter-se, mas não o outro, deveria o casamento ser dissolvido, especialmente se o cônjuge incrédulo viesse a separar-se?

•7.14 santificado... santos. Uma notável afirmação sobre o caráter especial do lar onde apenas um dos cônjuges é crente (1.2, nota). Na linguagem do Antigo Testamento, a família inteira era considerada como estando em aliança com Deus. Até o cônjuge que se recusa a crer fica sob a influência da obra de Deus — e muito mais os filhos, quando ainda não têm idade suficiente para professarem a sua fé. De acordo com isso, a teologia reformada tem visto este versículo como provedor de uma parte do argumento em favor do batismo infantil.

•7.15 não fica sujeito à servidão. Alguns interpretam essa declaração como tendo o sentido de que se o cônjuge incrédulo abandonar o casamento, o cônjuge crente pode casar-se de novo. O impacto desta passagem, entretanto, é simplesmente que o crente não está na obrigação de insistir que o casamento permaneça intacto. Tal insistência impediria o casal de viver “em paz”.

•7.16 se salvarás teu marido. Paulo pode estar retornando aqui ao pensamento do v. 14, e dando uma razão pela qual os cônjuges crentes não devem deixar seu cônjuge incrédulo; visto que, em certo sentido, eles estão “santificados”, há uma boa possibilidade de que eles serão salvos. Alternativamente, este v. 16 pode explicar o v. 15: que o cônjuge incrédulo se separe, porquanto não há qualquer certeza de que ele ou ela serão salvos por serem forçados a permanecerem casados.

•7.17 Ande cada um segundo... Deus o tem chamado. Os versículos seguintes deixam claro que a frase “conforme Deus o tem chamado” não é uma referência a posições sociais, mas à própria conversão. Note-se que os vs. 17-24 estabelecem um princípio que dá coerência ao capítulo inteiro: tornar-se alguém

vo? Não te preocupes com isso; mas, se ainda podes tornar-te livre, aproveita a oportunidade. ²² Porque o que foi chamado no Senhor, sendo escravo, é ^a liberto do Senhor; semelhantemente, o que foi chamado, sendo livre, é ^e escravo de Cristo. ²³ “Por preço fostes comprados; não vos torneis escravos de homens. ²⁴ Irmãos, cada um permaneça diante de ^v Deus naquilo em que foi chamado.

Problemas com respeito ao casamento em tempos de tribulação

²⁵ Com respeito às virgens, ^x não tenho mandamento do Senhor; porém dou minha opinião, como tendo recebido ^z do Senhor a misericórdia de ser ^a fiel. ²⁶ Considero, por causa da angustiosa situação presente, ^b ser bom para o homem permanecer assim como está. ²⁷ Estás casado? Não procures separar-te. Estás livre de mulher? Não procures casamento. ²⁸ Mas, se te casares, com isto não pecas; e também, se a virgem se casar, por isso não peca. Ainda assim, tais pessoas sofrerão angústia na carne, e eu quisera poupar-vos. ²⁹ ^c Isto, porém, vos digo, irmãos: o tempo se abrevia; o que resta é que não só os casados sejam como se o não fossem; ³⁰ mas também os que choram, como se não chorassem; e os que se ale-

um crente não requer uma mudança de status, seja marital, étnica ou social (vs. 8,20,26). Este versículo tem sido ocasionalmente usado como uma evidência de que os crentes não deveriam tentar melhorar sua posição social ou econômica. Pelo contrário, Paulo encoraja os escravos a obterem a sua liberdade, se surgir tal oportunidade (v. 21).

•7.19 A primeira parte deste versículo tem como paralelos os trechos de Gl 5.6 e 6.15. E parece que a segunda parte do versículo (“o que vale é guardar as ordenanças de Deus”) é outra maneira de dizer: “a fé que atua pelo amor” (Gl 5.6), e que essa fé operante é o que caracteriza a “nova criatura” (Gl 6.15).

•7.21 Não te preocupes com isso. O desejo de galgar um degrau na escala social não está errado, conforme o resto do versículo deixa claro. Entretanto, Paulo não quer ver os crentes angustiando-se quanto a uma situação qualquer que não possa ser modificada. A insatisfação e as queixas podem ser espiritualmente fatais (10.10): essas coisas refletem a falta de confiança em Deus.

•7.23 Por preço fostes comprados. Essa declaração dá apoio ao v. 22 (cf. 6.20). Se realmente compreendêssemos de quem somos, então perceberíamos que nem mesmo a escravidão pode danificar nossa privilegiada posição em Cristo. Inversamente, até o maior dos seres humanos é apenas um humilde servo diante de Cristo. Por conseguinte, os crentes não precisam e nem devem tornar-se “escravos de homens”.

•7.25 Com respeito às virgens. Encontramos aqui um novo tópico, mas relacionado ao anterior, que os crentes de Corinto haviam levantado em sua carta a Paulo (Introdução: Data e Ocasião).

não tenho mandamento do Senhor. Ver nota no v. 10.

dou minha opinião. Essa linguagem sugere que os comentários que Paulo estava para fazer não são mandamentos absolutos acerca de escolhas morais certas ou erradas, mas, antes, são recomendações para alguma situação em particular. Essa interpretação é confirmada pela declaração existente no v. 28 e pelas palavras de conclusão do v. 38.

•7.26 angustiosa situação presente. Lit. “a presente necessidade”. Alguns estudiosos pensam que Paulo se referia a algum problema específico e incomum de Corinto. Contudo, a linguagem do v. 28 (“tais pessoas sofrerão angústia na carne”) sugere uma idéia mais geral: a desagradável situação com que se defrontam todos os crentes, ao procurarem servir a Cristo na presente era maligna (Gl 1.4). Precisamos considerar esse fator quando tomamos a decisão de nos casar, embora outras considerações também devam ser conservadas em mente (vs. 6-9, nota).

•7.29-31 o tempo se abrevia... a aparência deste mundo passa. A vida

gram, como se não se alegrassem; e os que comprem, como se nada possuíssem; ³¹e os que se utilizam do mundo, como se dele não ²usassem; porque ³a aparência deste mundo passa.

³²O que realmente eu quero é que estejais livres de ²preocupações. ¹Quem não é casado ³cuida das coisas do Senhor, de como agradar ao Senhor; ³³mas o que se casou cuida das coisas do mundo, de como agradar à esposa, ³⁴e assim está dividido. Também a mulher, tanto a viúva como a virgem, ⁸cuida das coisas do Senhor, para ser santa, assim no corpo como no espírito; a que se casou, porém, se preocupa com as coisas do mundo, de como agradar ao marido. ³⁵Digo isto em favor dos vossos próprios interesses; não que eu pretenda enredar-vos, mas somente para o que é decoroso e vos facilite o consagrar-vos, desimpedidamente, ao Senhor.

³⁶Entretanto, se alguém julga que trata sem decore a sua ⁴filha, estando já a passar-lhe a flor da idade, e as circunstâncias o exigem, faça o que quiser. Não peca; que se casem. ³⁷Todavia, o que está firme em seu coração, não tendo necessidade, mas domínio sobre o seu próprio arbítrio, e isto bem firmado no seu ânimo, ²para conservar virgem a sua filha, bem fará. ³⁸E, ³assim, quem casa ⁶a sua filha virgem faz bem; quem não a casa faz melhor.

³⁹A mulher está ligada enquanto vive o marido; contudo, se falecer o marido, fica livre para casar com quem quiser, mas ¹somente no Senhor. ⁴⁰Todavia, será mais feliz se permanecer viúva, ¹segundo a minha opinião; e ²penso que também eu tenho o Espírito de Deus.



31 ^d1Co 9.18 ^e[1Jo 2.17] **32** ^f1Tm 5.5 ²cuidados ³preocupa-se com as **34** ^gLc 10.40 **36** ⁴Lit. virgem **37** ⁵Lit. para manter virgem, sem casamento, sua virgem **38** ^hHb 13.4 ⁶Lit. a sua própria virgem **39** ⁱRm 7.2 / ²Co 6.14 **40** ¹Co 7.6,25 ^m1Ts 4.8
CAPÍTULO 8 **1** ^aAt 15.20 ^bRm 14.14 ^cRm 14.3 ¹torna arrogante **2** ^d[1Co 13.8-12] **4** ^eIs 41.24 / ^fDt 4.35,39; 6.4 **5** ^g[Jo 10.34] **6** ^hMt 2.10 ⁱAt 17.28 / ^jJo 13.13 ^jJo 1.3 ^mRm 5.11 **7** ⁿ[1Co 10.28] ^oRm 14.14,22 **8** ^p[Rm 14.17] **9** ^qGl 5.13 ^rRm 14.13,21 ²causa de ofensa **10** ^s1Co 10.28 **11** ^tRm 14.15,20 **12** ^uMt 25.40 **13** ^vRm 14.21

críst deve ser vivida na percepção de que não há tempo para desperdiçar (Rm 13.11-12).

•7.36-38 Há duas maneiras diferentes de entendermos esta passagem. Simplesmente não sabermos se Paulo se referia a homens que tinham adiado o casamento com sua noiva ("virgem"), ou a pais que não tinham permitido que suas filhas se casassem ("filha virgem"; ver nota textual). Entretanto, a idéia principal é clara; tanto a posição dos casados como a posição dos solteiros são boas opções, embora Paulo visse um benefício particular no crente permanecer solteiro.

•7.39 está ligada. O casamento é um compromisso pela vida inteira da pessoa.

fica livre para casar com quem quiser. Uma viúva, não menos do que as outras mulheres tratadas neste capítulo, tem a escolha de permanecer nesse estado ou de casar-se de novo. A única consideração é que se ela casar-se novamente, seu novo esposo deve ser um crente.

•8.1 No que se refere às coisas sacrificadas a ídolos. Os crentes coríntios tinham levantado a questão da idolatria, que Paulo tratou nos caps. 8—10 de sua epístola, mas a natureza precisa das indagações deles é difícil de determinar. De acordo com alguns intérpretes, as questões discutidas no cap. 8 e em 10.25-30 são uma mesma questão. Mas outros estudiosos, com base em 8.10, argumentam que o problema sério era que alguns crentes estavam freqüentando festas pagãs e comendo o alimento ali servido, ao passo que 10.25-30 diz respeito ao problema menor de carnes compradas no mercado.

todos somos senhores do saber. Paulo aborda primeiramente o pecado da arrogância, como introdução ao assunto da idolatria (vs. 1-3). Esses comentários revelam que, por detrás do comportamento dos coríntios (ou, pelo menos, de um grupo importante entre eles), havia um sério problema de atitude. A conduta deles não era ditada pelo amor (cf. cap. 13) e, sim, pelo orgulho pessoal.

Acerca das coisas sacrificadas aos ídolos

8 No que ²se refere às coisas sacrificadas a ídolos, reconhecemos que todos somos senhores do ³saber. O ⁴saber ¹en-soberece, mas o amor edifica. ²^dSe alguém julga saber alguma coisa, com efeito, não aprendeu ainda como convém saber. ³Mas, se alguém ama a Deus, esse é conhecido por ele. ⁴No tocante à comida sacrificada a ídolos, sabemos que ⁵o ídolo, de si mesmo, nada é no mundo ⁶e que não há senão um só Deus. ⁵Porque, ainda que há também alguns ⁸que se chamem deuses, quer no céu ou sobre a terra, como há muitos deuses e muitos senhores, ⁶todavia, ⁷para nós há um só Deus, o Pai, ¹de quem são todas as coisas e para quem existimos; e ¹um só Senhor, Jesus Cristo, ¹pelo qual são todas as coisas, e nós também, ²por ele. ⁷Entretanto, não há esse conhecimento em todos; porque alguns, ²por efeito da familiaridade até agora com o ídolo, ainda comem dessas coisas como a ele sacrificadas; e a consciência destes, por ser fraca, vem a ³contaminar-se. ⁸^pNão é a comida que nos recomendará a Deus, pois nada perderemos, se não comermos, e nada ganharemos, se comermos. ⁹^qVede, porém, que esta vossa liberdade não venha, de algum modo, a ser ¹tropeço ²para os fracos. ¹⁰Porque, se alguém te vir a ti, que és dotado de saber, à mesa, em templo de ídolo, não será ³a consciência do que é fraco induzida a participar de comidas sacrificadas a ídolos? ¹¹E assim, ¹por causa do teu saber, perece o irmão fraco, pelo qual Cristo morreu. ¹²E deste modo, ²pecando contra os irmãos, golpeando-lhes a consciência fraca, é contra Cristo que pecais. ¹³E, por isso, ³se a comida serve de escândalo a meu irmão, nunca mais comerei carne, para que não venha a scandalizá-lo.

•8.3 esse é conhecido por ele. Os crentes de Corinto deviam preocupar-se menos sobre o que sabiam do que em serem conhecidos (cf. 13.12).

•8.4 o ídolo, de si mesmo, nada é. Ao que tudo indica, os crentes de Corinto usavam a doutrina do monoteísmo como argumento que dava apoio à prática deles: se existe um só Deus, que nos ensina a zombar dos ídolos (Is 46.6-7), por que deveríamos nos preocupar em comer alimentos oferecidos a eles? Paulo tanto reconhece como afirma essa verdade (vs. 4-6), mas foi mais adiante, para apontar um erro no uso que os crentes coríntios faziam dessa doutrina.

•8.7 não há esse conhecimento em todos. Os crentes que têm uma consciência fraca são incapazes de dissociar vários elementos dos rituais pagãos da própria idolatria. Quando esses comem alimentos oferecidos aos ídolos, sua consciência fica "contaminada". Essa linguagem forte (cf. "perece", no v. 11) sugere que esses crentes fracos estavam pecando não meramente por pensarem que estavam fazendo algo de errado, mas porque tinham voltado aos seus antigos caminhos idólatras.

•8.10 em templo de ídolo. Ver nota no v. 1 (cf. 10.18-22).

•8.11 por causa do teu saber. Aquilo que, para alguns crentes de Corinto, era uma fonte de orgulho, tornava-se um instrumento que prejudicava a outros (v. 1, nota).

perece. Ver nota no v. 7.

•8.12 golpeando-lhes a consciência fraca. Embora a consciência não seja infalível, é uma questão muito séria violá-la ou tentar outros a violá-la.

•8.13 nunca mais comerei carne. Esse comentário conclusivo tem por intuito salientar o princípio fundamental do amor: buscar o bem de outras pessoas mais do que o nosso próprio bem (10.24,33; 13.5; Fp 2.4).

A liberdade e os direitos do apóstolo Paulo

9 Não sou eu, porventura, livre? ^aNão sou apóstolo? ^bNão vi Jesus, nosso Senhor? Acaso, ^cnão sois fruto do meu trabalho no Senhor? ²Se não sou apóstolo para outrem, certamente, o sou para vós outros; porque vós sois ¹o ^dselo do meu apostolado no Senhor. ³A minha defesa perante os que me interpelam é esta: ⁴e não temos nós ²o direito de comer e beber? ⁵E também o de fazer-nos acompanhar de ³uma mulher irmã, como fazem os demais apóstolos, e ^fos irmãos do Senhor, e ^gCefas? ⁶Ou somente eu e Barnabé ^hnão temos direito de deixar de trabalhar? ⁷Quem jamais ⁱvai à guerra à sua própria custa? Quem ^jplanta a vinha e não come do seu fruto? Ou quem ^kapascenta um rebanho e não se alimenta do leite do rebanho?

⁸Porventura, falo isto como homem ou não o diz também a lei? ⁹Porque na lei de Moisés está escrito:

^mNão atarás a boca ao boi, quando pisa o trigo.

Acaso, é com bois que Deus se preocupa? ¹⁰Ou é, seguramente, por nós que ele o diz? Certo que é por nós que está escrito; pois ⁿo que lavra cumpre fazê-lo com esperança; o que pisa o trigo faça-o na esperança de receber a parte que lhe é devida. ¹¹O se nós vos semeamos as coisas espirituais, será muito recolhermos de vós bens materiais? ¹²Se outros participam desse direito sobre vós, não o temos nós em maior medida?

¹³Entretanto, não usamos desse direito; antes, suportamos tudo, ^qpara não criarmos qualquer obstáculo ao evangelho de

Cristo. ¹³ Não sabeis vós que os que prestam serviços sagrados do próprio ^stemplo se alimentam? E quem serve ao altar do altar tira o seu sustento? ¹⁴Assim ^tordenou também o Senhor aos ^uque pregam o evangelho que vivam do evangelho; ¹⁵e eu, porém, não me tenho servido de nenhuma destas coisas e não escrevo isto para que assim se faça comigo; porque ^vmelhor me fora morrer, antes que alguém me anule esta glória. ¹⁶Se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois sobre mim pesa essa ^zobrigação; porque ai de mim se não pregar o evangelho! ¹⁷Se o faço de livre vontade, ^atenho galardão; mas, se constrangido, é, então, a responsabilidade de dispenseiro que ^bme está confiada. ¹⁸Nesse caso, qual é o meu galardão? É que, ^cevangelizando, proponha, de graça, ^do evangelho, ^dpara não me valer do direito que ele me dá.

¹⁹Porque, sendo ^elivre de todos, ^ffiz-me escravo de todos, ^ga fim de ganhar o maior número possível. ²⁰Procedi, ^hpara com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; ⁵para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da lei, ^oembora não esteja eu debaixo da lei. ²¹ⁱAos ^jsem lei, como se eu mesmo o fosse, ^knão estando sem ^llei para com Deus, mas debaixo da ^llei de Cristo, para ganhar os que vivem fora do regime da lei. ²²^mFiz-me ⁿfraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. ⁿFiz-me tudo para com todos, ^ocom o fim de, por todos os modos, salvar alguns. ²³Tudo faço por causa do evangelho, com o fim de me tornar cooperador com ele. ²⁴Não sabeis vós que os que ^{correm} no estádio, todos, na



CAPÍTULO 9 ¹a At 9.15 ^b1Co 15.8 ^c1Co 3.6; 4.15 ²d 2Co 12.12 ¹a confirmação ⁴e [1Ts 2.6,9] ²a autoridade ⁵/Mt 13.55 ^gMt 8.14 ³lit. *uma irmã, uma esposa* ⁶h At 4.36 ⁷i 2Co 10.4 /Dt 20.6 ^jJo 21.15 ⁹m Dt 25.4 ¹⁰n 2Tm 2.6 ¹¹o Rm 15.27 ¹²p [At 18.4] ²⁰33j ^q2Co 11.12 ¹³r Lv 6.16,26; 7.31 ^sNm 18.8-31 ¹⁴t Mt 10.10 ^uRm 10.15 ¹⁵v At 18.3; 20.33 ^x2Co 11.10 ¹⁶z [Rm 1.14] ¹⁷a 1Co 3.8,14; 9.18 ^bGl 2.7 ¹⁸c 1Co 10.33 ^d1Co 7.31; 9.12 ^dCf. NU; TR e M *o evangelho de Cristo*; NU omite ¹⁹e 1Co 9.1 ^fGl 5.13 ^gMt 18.15 ²⁰h At 16.3; 21.23-26 ⁵lit. *aos que estão debaixo da lei, como se estivesse debaixo da lei* ^oCf. NU; TR e M *omitam embora não esteja eu debaixo da lei* ²¹i [Gl 2.3; 3.2] ^j[Rm 2.12,14] ^k[1Co 7.22] ^lCf. TR e M; NU *lei de Deus* ^oCf. NU; TR e M *lei para com Cristo* ²²m Rm 14.1; 15.1 ⁿ1Co 10.33 ^oRm 11.14 ^oCf. NU; TR e M *acrescentam como*; NU omite

•9.1 Não sou eu... livre. A disposição de Paulo em esquecer-se de alguns de seus direitos é o princípio declarado em 8.9. A pergunta do v. 1 indica que alguns dos crentes coríntios defendiam sua conduta questionando a autoridade de Paulo e criticando o comportamento dele.

•9.3 perante os que me interpelam. Essa afirmativa deixa claro que Paulo, realmente, tinha sido criticado, embora os estudiosos debatam a natureza específica da queixa (2.1, nota). Os seguintes dez versículos contêm mais de uma dúzia de perguntas retóricas que refletem a profunda emoção de Paulo e provêem indícios sobre a situação histórica. Paulo defendia o seu direito de ser sustentado pelas igrejas, somente para enfatizar sua preferência de não receber sustento (vs. 15-18). Talvez alguns dos crentes de Corinto se sentissem queixosos porque Paulo se recusava a aceitar o patrocínio deles, e daí concluíam que ele não era um apóstolo legítimo (2Co 11.7-12). Nesse caso, por que haveriam de continuar dando ouvidos às instruções dele?

•9.5 uma mulher irmã. Os próprios coríntios podem ter levantado a questão, como se a falta de uma esposa desacreditasse a Paulo e a Barnabé; ou então temos aqui a escolha da ilustração a ser usada por Paulo, para indicar a distinção entre ter um direito e exercer esse direito. Tanto Paulo quanto Barnabé eram solteiros no tempo de seu trabalho missionário. Paulo deixa entendido que, se ele tivesse de casar-se, o faria com uma irmã, ou seja, com uma crente.

•9.10 seguramente, por nós. Poderia até parecer que Paulo negasse o sentido original de Dt 25.4, que ordenava aos israelitas que permitissem que seus bois comessem enquanto trabalhavam. Devemos lembrar-nos que o completo conjunto de leis, em Israel, relembra constantemente a comunidade sobre princípios religiosos. Alguns estudiosos têm sugerido que o mandamento que dizia para não se atar a boca do boi tinha por intuito reforçar as instruções acerca dos relacionamentos humanos, dentro do contexto imediato (Dt 24.5—25.4).

•9.12 não usamos desse direito. Apesar da tensão causada por seu trabalho secular, adicionado às pesadas exigências de seu ministério apostólico, Paulo estava resolvido a não tornar-se uma carga para as igrejas locais (1Ts 2.6-9). Mas parece, a julgar por 2Co 11.7-12, que os crentes de Corinto interpretaram erroneamente os motivos de Paulo. Por razões que não ficam claras, o apóstolo fez uma exceção no caso da igreja de Filipos, na Macedônia (Fp 4.15-16).

•9.14 que vivam do evangelho. Esse princípio é refletido não somente no sacerdócio levítico do Antigo Testamento (v. 13), mas também em várias passagens do Novo Testamento (p. ex., Lc 10.7; Gl 6.6; 1Tm 5.17-18).

•9.15-16 me anule esta glória. Conforme o resto desta passagem deixa claro, Paulo considerava que dificilmente poderia vangloriar-se de sua pregação, visto que era pela vontade de Deus que ele era compelido a pregar. Portanto, sua base para jactar-se (“seu galardão”) era que ele pregava gratuitamente (v. 18), e ele não permitiria que alguém arrebatasse dele esse privilégio e glória.

•9.19 sendo livre de todos. Paulo retorna agora à primeira pergunta do v. 1. Parece que Paulo teve que defender-se da acusação de incoerência: ele exercia liberdade em sua própria conduta, e, portanto, não devia privar outras pessoas de fazerem a mesma coisa. E o apóstolo retornará a este tema de novo, em 10.23-33.

•9.20 como se eu mesmo assim vivesse. Quando ministrava aos judeus, Paulo se conformava às regras cerimoniais do Antigo Testamento, embora ele soubesse que essas questões não eram essenciais. Ver “Os Três Propósitos da Lei”, em Dt 13.10.

•9.21 Aos sem lei. Quando ministrava aos gentios, Paulo dispunha-se a viver como eles, embora reconhecendo que nunca tinha a liberdade de desobedecer a Deus.

•9.22 fraco. Uma nova declaração do ponto estabelecido em 8.13.

verdade, correm, mas um só leva o prêmio? ²Correi de tal maneira que o ¹alcanceis.

²⁵ Todo atleta em tudo ²se domina; aqueles, para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, ³a incorruptível. ²⁶ Assim corro também eu, ⁴não sem meta; assim luto, não como desferindo golpes no ar. ²⁷ Mas esmurro o meu corpo e o ¹reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser ⁴desqualificado.

Exemplos da história de Israel

10 Ora, irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos sob ^aa nuvem, e todos passaram ^bpelo mar, ²tendo sido todos batizados, assim na nuvem como no mar, com respeito a Moisés. ³ Todos eles comeram de um só ^cmanjar espiritual ⁴e beberam da mesma fonte ^despiritual; porque bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. E a pedra era Cristo. ⁵ Entretanto, Deus não se agradou da maioria deles, razão por que ^eficaram prostrados no deserto. ⁶ Ora, estas coisas se tornaram exemplos para nós, a fim de que não cobicemos as coisas más, como ^feles cobiçaram.

⁷ Não vos façais, pois, idólatras, como alguns deles; porquanto está escrito:



24 P Gl 2.2 ¹conquisteis **25** q Tg 1.12 ²exerce autocontrole **26** r 2Tm 2.5 **27** s [Rm 8.13] ^t[Rm 6.18] ^uJr 6.30
CAPÍTULO 10 **1** ^aÊx 13.21-22 ^bÊx 14.21-22,29 **3** ^cÊx 16.4,15,35 **4** ^dÊx 17.5-7 **5** ^eNm 14.29,37; 26.65 **6** ^fNm 11.4,34 **7** ^g1Co 5.11; 10.14 ^hÊx 32.6 **8** ⁱAp 2.14 / Nm 25.1-9 ^jSl 106.29 **9** ^mÊx 17.2,7 ⁿNm 21.6-9 **10** ^oÊx 16.2 ^pNm 14.37 ^qÊx 12.23 **11** ^rRm 15.4 ^sFp 4.5 ^tCf. Nu; TR e M *Todas estas coisas*; NU omite ²instrução **12** ^tRm 11.20 **13** ^u1Co 1.9 ^vSl 125.3 **14** ^x2Co 6.17 **15** ^z1Co 8.1 **16** ^aMt 26.26-28 ^bAt 2.42 ³associação ou participação **17** ^c1Co 12.12,27

•**9.24 Correi de tal maneira que o alcanceis.** Em outros lugares, Paulo usou a ilustração de uma corrida e de seu prêmio, para enfatizar a necessidade de singeleza de coração, de determinação e perseverança (Fp 3.12-14; 2Tm 4.7-8).

•**9.27 esmurro o meu corpo.** Paulo continuava aqui a sua metáfora atlética, lembrando aos seus leitores que os lutadores devem disciplinar o próprio corpo, se esperam sair-se vitoriosos nas lutas. Por igual modo, os crentes devem estar dispostos a pôr de lado os seus interesses egoístas na busca de seu alvo primário.

não venha eu mesmo a ser desqualificado. Essa declaração tem sido usada, por muitas vezes, como evidência de que os crentes podem perder a sua salvação. O testemunho do Novo Testamento, bem como o de Paulo, em particular, é que aqueles a quem Deus conduziu a si mesmo lhe pertencem para sempre (Rm 8.28-30), porquanto a vida que lhes foi dada é eterna em seu caráter (Jo 5.24; Hb 7.16). Aquilo que Deus começou a fazer, ele o levará a bom termo (Fp 1.6). Entretanto, seria um erro eliminar ou minimizar a preocupação de Paulo (cf. 15.2; Fp 3.11; Cl 1.23), sugerindo-se que ele falava em sentido meramente hipotético ou em relação a recompensas, e não em relação à salvação. Paulo confiava que absolutamente nada seria capaz de separá-lo do amor de Deus (Rm 8.38-39), mas ele nunca presumiu que ele seria salvo apesar do que fazia. Nenhum crente pode dar-se ao luxo de considerar superficialmente as advertências das Escrituras (10.12).

•**10.2 todos batizados... com respeito a Moisés.** O batismo cristão salienta a união do crente com Cristo. Paulo usou a linguagem própria do batismo ao comparar os israelitas com os crentes coríntios (5.12-13, nota). Todos os israelitas passaram pela prova e pelo livramento do êxodo em virtude de sua identificação com seu líder, Moisés. Note a repetição da palavra "todos", nos vs. 1-3 (também em 12.13). "Todos" os membros da igreja em Corinto tinham sido batizados em Cristo, e desta forma tinham provado o livramento de Deus, mas isso não garantia que Deus se agradava de cada um deles, sem exceção. Essa passagem ilustra e explica a advertência em 9.24-27.

•**10.3-4 de um só manjar espiritual... da mesma fonte espiritual.** Seguindo a analogia com o batismo, Paulo adverte os crentes de Corinto a não encontrarem um falso conforto em sua participação na Ceia do Senhor (vs. 14-22). Os israelitas também experimentaram o alimento e a bebida que lhes foram dados por Deus. Neste caso, "espiritual" não significa "imaterial", e nem sugere apenas que o maná e a água tinham algum significado mais profundo. É provável que Paulo tivesse em

^hO povo assentou-se para comer e beber e levantou-se para divertir-se.

⁸ E ¹não pratiquemos imoralidade, como ¹alguns deles o fizeram, e caíram, ¹num só dia, vinte e três mil. ⁹ Não ponhamos o Senhor à prova, como ^malguns deles já fizeram e ⁿpereceram pelas mordeduras das serpentes. ¹⁰ Nem murmureis, como ^oalguns deles murmuraram e ^pforam destruídos ^qpelo exterminador. ¹¹ Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e ^rforam escritas para ²advertência nossa, de nós outros ^ssobre quem os fins dos séculos têm chegado. ¹² Aquele, pois, ^tque pensa estar em pé veja que não caia. ¹³ Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas ^uDeus é fiel e ^vnão permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar.

O cristão deve fugir da idolatria

¹⁴ Portanto, meus amados, ^xfugi da idolatria. ¹⁵ Falo como a ^zcritérios; julgai vós mesmos o que digo. ¹⁶ Porventura, ^ao cálice da bênção que abençoamos não é a ³comunhão do sangue de Cristo? ^bO pão que partimos não é a comunhão do corpo de Cristo? ¹⁷ Porque ^cnós, embora muitos, somos

mente a atividade do Espírito Santo (2.6,14; 3.1; 15.44-46, e notas). Os israelitas tinham recebido uma provisão sobrenatural, associada à obra do Espírito.

pedra era Cristo. No Antigo Testamento, Deus é com frequência comparado a uma rocha, e Israel (chamado "Jesurum") é descrito como nação que tinha abandonado a Deus, a "Rocha de sua salvação" (Dt 32.15; cf. Êx 17.6). A analogia entre os israelitas e os crentes de Corinto não foi uma ilustração arbitrária; pois há nessa analogia uma conexão teológica. Sem minimizar os privilégios desfrutados pelos crentes (v. 11, nota), Paulo lembra-nos de que o Libertador dos israelitas não foi outro senão nosso Salvador crucificado e ressurreto.

•**10.6 exemplos.** O vocábulo grego correspondente está relacionado ao termo português "tipo" (ver também no v. 11). Talvez o uso dessa palavra indique também que os eventos do deserto tenham uma correspondência divinamente tencionada com as experiências da Igreja cristã.

•**10.11 os fins dos séculos têm chegado.** Essa declaração reflete a convicção de Paulo de que a vinda de Cristo inaugurara os "últimos dias" (Hb 1.2), o tempo em que as grandes promessas do Antigo Testamento chegam ao seu cumprimento (cf. 1.20, nota). Ao frisar esse tema, Paulo ajudou os crentes de Corinto a perceberem que os eventos do Antigo Testamento olhavam para a frente e se aplicavam a eles. Outrossim, esses fatos sugerem que, considerando a posição privilegiada deles, os coríntios deveriam reconhecer sua maior responsabilidade (cf. Hb 11.39-40).

•**10.12 veja que não caia.** Ver nota em 9.27.

•**10.13** Este versículo, que é bastante conhecido, provê grande encorajamento aos crentes que estão enfrentando tentações. Ao mesmo tempo, as palavras de Paulo contêm uma reprimenda implícita. Se Deus nos guarda de tentações maiores do que aquelas a que podemos resistir, então não podemos valer-nos de nossas tentações como uma desculpa para pecarmos. O pecado jamais é uma necessidade para um crente.

•**10.14 fugi da idolatria.** Essa recomendação paulina está relacionada às suas observações anteriores sobre comer comidas oferecidas a ídolos (8.1, nota). Paulo se entristecia diante do fato de que alguns crentes coríntios participavam de refeições pagãs que tinham um inseparável elemento de idolatria.

•**10.16 o cálice da bênção... O pão que partimos.** Essas declarações sobre a Ceia do Senhor demonstram a significação de tomar parte em uma refeição distintivamente religiosa. Assim como seria impossível tomar a Ceia do Senhor e

unicamente um pão, um só corpo; porque todos participamos do único pão. ¹⁸ Considerai o ^dIsrael ^esegundo a carne; ^fnão é certo que aqueles que se alimentam dos sacrifícios são ^dparticipantes do altar? ¹⁹ Que digo, pois? ^gQue o sacrificado ao ídolo é alguma coisa? Ou que o próprio ídolo tem algum valor? ²⁰ Antes, digo que as coisas que eles ^hsacrificam, ⁱé a demônios que as sacrificam e não a Deus; e eu não quero que vos torneis associados aos demônios. ²¹ /Não podeis beber o cálice do Senhor e ^jo cálice dos demônios; não podeis ser participantes da ^mmesa do Senhor e da mesa dos demônios. ²² Ou ⁿprovocaremos zelos no Senhor? ^oSomos, acaso, mais fortes do que ele?

Os limites da liberdade cristã

²³ Todas as coisas ^ssão lícitas, mas nem todas ^pconvêm; todas são lícitas, mas nem todas edificam. ²⁴ Ninguém busque o seu próprio interesse, e sim ^qo de outrem. ²⁵ ^rComei de tudo o que se vende no mercado, sem nada perguntardes por motivo de consciência; ^sporque ^tdo Senhor é a terra e a sua plenitude. ²⁷ Se algum dentre os incrédulos vos convidar, e quiserdes ir, ^ucomei de tudo o que for posto diante de vós, sem nada perguntardes por motivo de consciência. ²⁸ Porém, se alguém vos disser: Isto é coisa sacrificada a ídolo, não comais, ^vpor causa daquele que vos advertiu e por causa da



¹⁸ ^dRm 4.12 ^eRm 4.1 ^fLv 3.3; 7.6,14 ^gGr. *koinonoi*, os que tomam parte ou estão em comunhão com ¹⁹ ^h1Co 8.4 ²⁰ ⁱLv 17.7 ^jDt 32.17 ^k2Co 6.15-16 ^lDt 32.38 ^m[1Co 11.23-29] ²² ⁿDt 32.21 ^oEz 22.14 ^p1Co 6.12 ^qCf. NU; TR e M acrescentam *para mim*; NU omite ²⁴ ^rFp 2.4 ²⁵ ^s[1Tm 4.4] ²⁶ ^tSl 24.1 ²⁷ ^uLc 10.7-8 ²⁸ ^v[1Co 8.7,10,12] ^oCf. NU; TR e M acrescentam *pois do Senhor é a terra e a sua plenitude*; NU omite ²⁹ ^vRm 14.16 ³⁰ ^xRm 14.6 ³¹ ^zCl 3.17 ³² ^aRm 14.13 ³³ ^bRm 15.2

CAPÍTULO 11 ¹ ^aEf 5.1 ³ ^bEf 1.22; 4.15; 5.23 ^cGn 3.16 ^dJo 14.28 ⁴ ^e1Co 12.10 ⁵ ^fDt 21.12

afirmar que a mesma não tem qualquer significação religiosa, assim também é ingênuo que os crentes de Corinto pensassem que podiam participar de festas em templos de ídolos sem se envolverem na idolatria. Um outro ponto é que a unidade do "corpo de Cristo", simbolizado pelo pão e pelo vinho, exclui a união com os ídolos. Ver "Os Sacramentos", em Mt 28.19.

•**10.20 associados aos demônios.** Embora os ídolos nada representem (v. 19), por detrás dos ritos pagãos há a realidade da obra de Satanás, e os crentes nada deveriam ter com isso.

•**10.23 Todas as coisas são lícitas.** Ver nota em 6.12-13.

•**10.25 Comei de tudo o que se vende no mercado.** Apesar de suas fortes palavras contra os crentes tomarem parte das festas idólatras, Paulo não queria que os crentes de Corinto fossem exageradamente escrupulosos. O fato de um alimento ter sido oferecido a um ídolo não altera aquele alimento; o mesmo continua a fazer parte da criação de Deus. Portanto, os crentes coríntios não tinham que perguntar se um determinado alimento do mercado foi trazido de um templo pagão, e nem tinham eles necessidade de fazer tal pergunta, quando convidados a uma refeição (v. 27). Os crentes podiam comer livremente daquilo que vinha da provisão de Deus.

•**10.28 não comais.** Um problema diferente já se origina quando alguém anuncia que a carne vinha de um sacrifício pagão. É de presumir-se que tal comentário indique que a pessoa que o fez tem problemas de consciência a respeito. Nesse caso, é justo o crente abster-se, "por causa daquele" que disse tal coisa.

•**10.30 por que hei de ser vituperado.** Essa indagação deixa claro que Paulo fora acusado de comer carnes oferecidas a ídolos, com a sugestão de que ele não tinha qualquer direito de proibir os crentes coríntios de agir dessa forma (9.19, nota).

•**10.31 fazei tudo para a glória de Deus.** Ver "A Glória de Deus", em Ez 1.28.

•**10.33 não buscando o meu próprio interesse, mas o de muitos.** Em combinação com o desejo de fazer tudo para a glória de Deus (v. 31), esse princípio provia a Paulo um critério para a sua conduta. De fato, é o princípio do amor cristão que "não procura os seus interesses" (13.5).

consciência;^o ²⁹ consciência, digo, não a tua propriamente, mas a do outro. Pois ^vpor que há de ser julgada a minha liberdade pela consciência alheia? ³⁰ Se eu participo com ações de graças, por que hei de ser vituperado ^xpor causa daquilo por que dou graças? ³¹ ^yPortanto, quer comais, quer bebais ou fazeis outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus. ³² ^zNão vos torneis causa de tropeço nem para judeus, nem para gentios, nem tampouco para a igreja de Deus, ³³ assim ^bcomo também eu procuro, em tudo, ser agradável a todos, não buscando o meu próprio interesse, mas o de muitos, para que sejam salvos.

11 Sede ^ameus imitadores, como também eu sou de Cristo.

O véu e seu uso na igreja de Corinto

² De fato, eu vos louvo porque, em tudo, vos lembrais de mim e retendes as tradições assim como vo-las entreguei. ³ Quero, entretanto, que saibais ser ^bCristo o cabeça de todo homem, e o ^chomem, o cabeça da mulher; e ^dDeus, o cabeça de Cristo. ⁴ Todo homem que ora ou ^eprofetiza, tendo a cabeça coberta, desonra a sua própria cabeça. ⁵ Toda mulher, porém, que ora ou profetiza com a cabeça sem véu desonra a sua própria cabeça, porque é como se a tivesse ^frapada. ⁶ Portanto, se a mulher não usa véu, nesse caso, que rape o cabelo. Mas, se

•**11.1** O apóstolo não se exibia como um exemplo absoluto; ele só deveria ser imitado conforme ele estivesse imitando a Cristo.

•**11.3 o cabeça.** A significação dessa metáfora desde longo tempo tem sido discutida pelos estudiosos — ela pode indicar liderança e autoridade, ou então fonte e origem. A evidência extraída da literatura grega é ambígua, e o presente contexto não resolve o problema. Essas duas idéias talvez não devam ser consideradas como excludentes uma da outra. Em dois outros contextos, onde Paulo fala de Cristo como sendo o cabeça (Ef 4.15; Cl 2.19), a noção da "origem" pode estar presente (cf. v. 8). Em outros lugares, Paulo usa a metáfora com uma referência explícita à autoridade ou à submissão (Ef 1.22; 5.23-24; Cl 1.18; 2.10). Neste ponto, Paulo parece salientar mais a autoridade do que origem (cf. v. 10).

•**11.4 a cabeça coberta.** Diante da parca evidência que existe, parece-nos que, com poucas exceções, os homens do século I da era cristã ficavam de cabeças descobertas enquanto adoravam. O costume judaico dos homens cobrirem a cabeça, quando oram, provavelmente não remonte ao período do Novo Testamento.

desonra a sua própria cabeça. Provavelmente uma referência a Cristo como o cabeça (v. 7). Nem a Bíblia e nem outros documentos explicam por que tal prática desonra a Cristo (cf. v. 10, nota).

•**11.5 com a cabeça sem véu.** Dado o contraste com o versículo anterior, este comentário sugere que as mulheres do século I d.C. adoravam com a cabeça coberta. Alguns estudiosos acham que Paulo se referia a um certo estilo de penteados (em Nm 5.18, soltar os cabelos de uma mulher fazia parte do teste para uma esposa infiel). Ver nota no v. 15.

porque é como se a tivesse rapada. No sexto versículo, rapar a cabeça de uma mulher é comparado com ter seus cabelos cortados curtos, provavelmente como se fossem os cabelos de um homem. Parece que Paulo estava se opondo a uma tendência de obliterar a distinção entre os sexos. Possivelmente, a controvérsia reflete a idéia de alguns coríntios de que eles já haviam atingido a perfeição, e não estavam mais sujeitos às regras normais (Introdução: Data e Ocasião).

lhe é ⁸vergonhoso o tosquiar-se ou rapar-se, cumpre-lhe usar véu. ⁷ Porque, na verdade, o homem não deve cobrir a cabeça, por ser ^hele imagem e glória de Deus, mas a mulher é glória do homem. ⁸ Porque o homem não foi feito da mulher, e sim a mulher, ⁱdo homem. ⁹ Porque também o homem não foi criado por causa da mulher, e sim a mulher, ^jpor causa do homem. ¹⁰ Portanto, deve a mulher, por causa dos anjos, trazer véu na cabeça, como sinal de autoridade. ¹¹ No Senhor, todavia, nem a mulher é independente do homem, ^knem o homem, independente da mulher. ¹² Porque, como provém a mulher do homem, assim também o homem é nascido da mulher; e tudo vem de Deus. ¹³ Julgai entre vós mesmos: é próprio que a mulher ore a Deus sem trazer o véu? ¹⁴ Ou não vos ensina a própria natureza ser desonroso para o homem usar cabelo comprido? ¹⁵ E que, tratando-se da mulher, é para ela uma glória? Pois o cabelo ^llhe foi dado em lugar de mantilha. ¹⁶ Contudo, ^mse alguém quer ser contencioso, saiba que nós não temos tal costume, ⁿnem as igrejas de Deus.

Instrução quanto à celebração da Ceia do Senhor

¹⁷ Nisto, porém, que vos prescrevo, não vos louvo, porquanto vos ajuntais não para melhor, e sim para pior. ¹⁸ Porque, antes de tudo, ^oestou informado haver divisões entre



6 ⁸Nm 5.18 7 ^hGn 1.26-27; 5.1; 9.6 8 ⁱGn 2.21-23 9 ^jGn 2.18 11 ^k[Gl 3.28] 15 ^lM omite *lhe* 16 ^m1Tm 6.4 ⁿ1Co 7.17
18 ^o1Co 1.10-12; 3.3 19 ^p1Tm 4.1 ^q[Dt 13.3] ²Lit. *manifestos, evidentes* 21 ^rJd 12 22 ^s1Co 10.32 ^tTg 2.6 ³Os pobres 23 ^u1Co
15.3 ^vMt 26.26-28 24 ⁴Cf. NU; TR e M acrescentam *Tomai, comei* (compare com Mt 26.26); NU omite ⁵Cf. versões antigas; TR e M parti-
do; NU omite 26 ^xJó 14.3 27 ^z[Jó 6.51] ^oNU e M; TR do *corpo e sangue* 28 ^a2Co 13.5

•**11.7 mulher é glória do homem.** Ver “A Imagem de Deus”, em Gn 1.27.

•**11.9 a mulher, por causa do homem.** Ver “Corpo e Alma, Macho e Fêmea”, em Gn 2.7.

•**11.10 por causa dos anjos.** Têm sido sugeridas muitas interpretações dessa frase, mas todas elas são meras especulações. O argumento de Paulo está ligado intimamente a uma situação histórica específica, e devemos ter cautela ao aplicar universalmente todos os seus detalhes (vs. 4.16, notas).

•**11.11-12** Estes dois versículos parecem ser uma qualificação dos comentários anteriores. Com uma referência específica de nosso relacionamento “no Senhor”, homens e mulheres são mutuamente dependentes, visto que somos um nele (Gl 3.28).

•**11.14 natureza.** Os intérpretes diferem quanto ao significado desses termos. Alguns acreditam que haja aqui uma referência à ordem criada. Outros argumentam que o apóstolo estava apelando para as práticas comuns em seus dias.

•**11.15 em lugar de mantilha.** Paulo pode ter pretendido dizer que, visto que os longos cabelos de uma mulher lhe foram dados como cobertura, é igualmente apropriado que ela use um véu. Alguns argumentam que os cabelos lhe foram dados “em lugar de mantilha”. Isso apoiaria o ponto de vista de que Paulo não se refere a véus, mas a um estilo particular de penteado (v. 5, nota).

•**11.16 nós não temos tal costume.** Paulo não usa exatamente esse tipo de argumento em qualquer de suas epístolas. Tal conclusão a uma passagem difícil pode dar apoio à contenção de que o apóstolo não estava prescrevendo formas permanentes de adoração, mas antes, tratava com questões de propriedade cultural. Certamente, porém, tais questões se revestem de implicações teológicas (v. 5, nota).

•**11.17 não vos louvo.** O contraste entre essas palavras e o v. 2 indica a seriedade do problema a que Paulo agora se reportava.

•**11.19 até mesmo importa que haja partidos entre vós.** Paulo reconheceu aqui que nada ocorre fora da vontade divina, e que Deus pode usar o pecado humano para promover os seus próprios propósitos. Ou, então, Paulo estava usando de ironia, tentando fazer os crentes de Corinto perceberem que suas lutas internas tinham como motivo indigno ver quem era capaz de argumentar melhor.

vós quando vos reunis na igreja; e eu, em parte, o creio. ¹⁹ Porque até mesmo importa que ^hhaja *partidos entre vós*, ^qpara que também os aprovados se tornem ²conhecidos em vosso meio. ²⁰ Quando, pois, vos reunis no mesmo lugar, não é a ceia do Senhor que comeis. ²¹ Porque, ao comerdes, cada um toma, antecipadamente, a sua própria ceia; e há quem tenha fome, ao passo que há também ^rquem se embriague. ²² Não tendes, porventura, casas onde comer e beber? Ou menosprezais ^sa igreja de Deus e ^tenvergonhais ³os que nada têm? Que vos direi? Louvar-vos-ei? Nisto, certamente, não vos louvo.

²³ Porque “eu recebi do Senhor o que também vos entre-guei: ^vque o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; ²⁴ e, tendo dado graças, o partiu e disse: ⁴Isto é o meu corpo, que é ⁵dado por vós; fazei isto em memória de mim. ²⁵ Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim. ²⁶ Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, ^xaté que ele venha. ²⁷ Por isso, aquele que comer ⁷o pão ou beber o cálice do Senhor, indignamente, será réu ⁶do corpo e do sangue do Senhor. ²⁸ ^aExamine-se, pois, o homem a si mesmo, e, assim,

•**11.20 não é a ceia do Senhor.** O uso deturpado dessa observância transformou a Ceia em algo absolutamente diferente do que deveria ser.

•**11.21 quem tenha fome... quem se embriague.** A preocupação de Paulo, quanto a este ponto, não era com a embriaguez em si, mas com a humilhação sofrida pelos pobres. A Ceia do Senhor simboliza, entre outras coisas, a unidade do povo de Deus (10.17). Aqueles crentes de Corinto que eram mais abastados, segundo tudo indica, não compartilhavam com os menos afortunados dentre eles, quando a Ceia do Senhor era celebrada. Esse comportamento egoísta contradizia abertamente o sentido da cerimônia.

•**11.23-25** O relato de Paulo sobre a instituição da Ceia do Senhor em tudo acompanha os mesmos pontos essenciais presentes nos evangelhos (Mt 26.26-29; Mc 14.22-25; Lc 22.17-20).

•**11.23 o Senhor Jesus... tomou o pão.** Ver nota teológica “A Ceia do Senhor”.

•**11.26 anunciais a morte do Senhor, até que ele venha.** Note a conexão existente entre a pregação do evangelho e a celebração da Ceia do Senhor. A Ceia estabelece a Palavra de Deus através de meios visíveis, e não através de meios verbais. Note também que a celebração da Ceia exprime nossa firme esperança no retorno do Senhor.

•**11.27-34** É importante tomar esta seção inteira como uma unidade, e os vs. 33-34 deixam claro que Paulo ainda tem em mente os abusos mencionados nos vs. 21-22. Frases como “indignamente” (v. 27) e “examine-se, pois, o homem a si mesmo” (v. 28) podem ser ampliadas e aplicadas a muitas circunstâncias, mas devemos ter o cuidado de não separá-las de seu contexto. Seria compreender erroneamente o v. 30 pensar que Deus rotineiramente castiga os crentes com a enfermidade e com a morte, se eles, apesar de suas falhas espirituais, participarem da Ceia. O problema em Corinto era muito mais específico e sério. Alguns coríntios estavam derrubando por terra a unidade do corpo cristão, representado pelo único pão (10.17). A advertência do v. 29, acerca do “discernir o corpo” quase certamente se refere a essa falha em manter a unidade da Igreja como o corpo de Cristo (ver nota textual; 12.12, nota). Visto que alguns dos crentes de Corinto estavam celebrando a Ceia de uma maneira que destruíra a unidade que ela representa, Deus tinha imposto julgamentos contra a comunidade. O propósito de Deus ao julgar aqueles crentes, porém, era impedi-los de serem “condenados com o mundo” (v. 32).

A CEIA DO SENHOR

1Co 11.23

A Ceia do Senhor é um ato de culto que tem a forma de uma refeição cerimonial, na qual os servos de Cristo participam do pão e do vinho, para comemorar a morte de Cristo e celebrar o novo relacionamento segundo a aliança que eles desfrutaram com Deus.

"Na noite em que foi traído, nosso Senhor Jesus Cristo instituiu o sacramento de seu corpo e sangue, chamado Ceia do Senhor, para ser observado em sua igreja até ao fim do mundo, para ser uma lembrança perpétua do sacrifício que em sua morte ele fez de si mesmo; para selar, aos verdadeiros crentes, todos os benefícios provenientes desse sacrifício para o seu nutrimento espiritual e crescimento nele, e seu compromisso de cumprir todos os seus deveres para com ele; e ser um vínculo e penhor de sua comunhão com ele e uns com os outros, como membros do seu corpo místico" (*Confissão de Westminster, XXIX.1*).

Os textos bíblicos que tratam da Ceia e nos quais se baseia a declaração acima são: Mt 26.26-29; Mc 14.22-25; Lc 22.17-20; 1Co 10.16-21; 11.17-34. O sermão de Jesus (Jo 6.35-58) a respeito de si mesmo como o pão da vida e da necessidade de alimentar-se dele, comendo a sua carne e bebendo o seu sangue, foi pregado antes da instituição da Ceia e é melhor entendido como tratando daquilo que a Ceia significa, ou seja, a comunhão com Cristo pela fé, ao invés da Ceia em si.

Nos tempos da Reforma, questões a respeito da natureza da presença de Cristo na Ceia e da relação da Ceia com sua morte vicária foram assunto de intensa controvérsia. A Igreja Católica Romana ensina que Cristo está presente na Ceia pela transubstanciação, como definida pelo Quarto Concílio Lateranense em 1215. "Transubstanciação" significa que a substância do pão e do vinho é miraculosamente transformada em corpo e sangue de Cristo. O pão e o vinho não são mais pão e vinho, embora pareçam ser. A doutrina de Lutero, depois chamada de "consustanciação", ensina que o corpo e o sangue de Cristo estão presentes "em, com e sob" a forma de pão e vinho, que, em si mesmos, permanecem sendo pão e vinho. As Igrejas Ortodoxas Orientais e algumas Igrejas Anglicanas têm uma crença semelhante. Zúnglio negou que o Cristo glorificado, agora no céu, esteja presente de qualquer modo que palavras tais como "corporalmente", "fisicamente" ou "localmente" possam sugerir. Calvino ensinou que, enquanto o pão e o vinho permanecem imutáveis, o Espírito eleva o crente através da fé, para gozar da presença de Cristo de um modo que é glorioso e real, ainda que indescritível.

Todos os Reformadores insistiram no fato de, na Mesa de Comunhão, darmos graças a Cristo pela obra da expiação acabada e aceita. Denunciaram a doutrina Católica Romana da Missa, porquanto nela se dizia que o sacrifício da cruz é repetido, renovado, ou reapresentado de um modo que obscurecia a sua suficiência.

A Ceia do Senhor tem uma referência passada à morte de Jesus e tem uma referência presente à nossa participação corporativa em Cristo, mediante a fé. E tem uma referência futura pelo fato de ser uma garantia da sua segunda vinda. Encoraja o fiel em sua caminhada diária e em sua expectativa. Esse serviço de culto, no qual os cristãos recordam o sofrimento que Cristo suportou por eles, é uma marca distintiva da religião cristã por todo o mundo.

coma do pão, e beba do cálice; ²⁹ pois quem come e bebe ⁷ sem discernir o corpo, ⁸ come e bebe juízo para si. ³⁰ Eis a razão por que há entre vós muitos fracos e doentes e não poucos que ⁹ dormem. ³¹ Porque, ^b se nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados. ³² Mas, quando julgados, somos disciplinados pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo.

³³ Assim, pois, irmãos meus, quando vos ^d reunis para comer, esperai uns pelos outros. ³⁴ Se alguém tem fome, coma em casa, a fim de não vos reunirdes para juízo. Quanto às demais coisas, eu as ordenarei quando for ter convosco.



²⁹ ⁷ Cf. NU; TR e M acrescentam *indignamente*; NU omite ⁸ Cf. NU; TR e M acrescentam *da Senhor*; NU omite ³⁰ ⁹ Estão mortos ³¹ ^b [1Jo 1.9] ³² ^c Si 94.12 ³³ ^d 1Co 14.26
CAPÍTULO 12 ¹ ^a 1Co 12.4; 14.1,37 ² ^b Ef 2.11 ^c Si 115.5 ^d TR que éreis ³ ^d Mt 16.17 ² Lit. *Maldito seja* ⁴ ^e Rm 12.3-8 / Ef 4.4 ³ ^h *há diversidade de dons ou os dons são de diferentes tipos* ⁵ ^e Rm 12.6

•12.1 A respeito dos dons espirituais. Ver "Dons e Ministérios", em Ef 4.7.

•12.2-3 Como introdução aos dons espirituais praticados em Corinto, Paulo lembra seus leitores acerca do contraste em sua experiência pagã e sua experiência cristã. Não é claro que alguém estava realmente proferindo maldições contra Jesus (essa declaração pode ter sido apenas uma ilustração), mas o enfoque do terceiro versículo recai sobre o conteúdo da fala religiosa. Em vista de 14.6-19, podemos inferir que o apóstolo estava antecipando seu argumento em prol de uma linguagem compreensível. Os pagãos, por igual modo, podem ter experi-

Acerca de dons espirituais

12 ^a A respeito dos dons espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes. ² Sabeis ^b que, outrora, ¹ quando éreis gentios, deixáveis conduzir-vos aos ídolos ^c mudos, segundo éreis guiados. ³ Por isso, vos faço compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus afirma: ² Anátema, Jesus! Por outro lado, ^d ninguém pode dizer: Senhor Jesus!, senão pelo Espírito Santo.

⁴ Ora, ^e os ³ dons são diversos, mas ^f o Espírito é o mesmo. ⁵ E também ^g há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. ⁶ E há diversidade nas realizações, mas o mesmo

mentado fala miraculosa, mas o que realmente importa é o que é dito nessas ocasiões.

•12.4 os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. Ao que parece, os crentes coríntios exageravam a importância do dom de línguas, pelo que Paulo lhes lembrou que um e o mesmo Espírito distribuiu uma variedade de dons entre o seu povo. As referências adicionadas ao "Senhor", que é o mesmo (v. 5), e ao "mesmo Deus" (v. 6), refletem a importância da doutrina da Trindade para Paulo; e essa doutrina também presta apoio à unidade dentro da diversidade.

Deus é ^hquem opera tudo em todos. ⁷A manifestação do Espírito é concedida a cada um visando a um fim proveitoso. ⁸Porque a um é dada, mediante o Espírito, ⁱa palavra da sabedoria; e a outro, segundo o mesmo Espírito, ^ja palavra do conhecimento; ⁹^ka outro, no mesmo Espírito, a fé; e a outro, ^lno mesmo Espírito, ^mdons de curar; ¹⁰ⁿa outro, operações de milagres; a outro, ^oprofecia; a outro, ^pdiscernimento de espíritos; a um, ^qvariedade de línguas; e a outro, capacidade para interpretá-las. ¹¹Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas estas coisas, ^rdistribuindo-as, ^scomo lhe apraz, a cada um, individualmente.

A unidade orgânica da igreja

¹²Porque, ^tassim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, ^uassim também com respeito a Cristo. ¹³Pois, ^vem um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, ^xquer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós ^yfoi dado beber de um só Espírito. ¹⁴Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos. ¹⁵Se disser o pé: Porque não sou mão, não sou do corpo; nem por isso deixa de ser do corpo. ¹⁶Se o ouvido disser: Porque não sou olho, não sou do

corpo; nem por isso deixa de o ser. ¹⁷Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo fosse ouvido, onde, o olfato? ¹⁸Mas ^aDeus dispôs os membros, colocando cada um deles no corpo, ^bcomo lhe aprouve. ¹⁹Se todos, porém, fossem um só membro, onde estaria o corpo? ²⁰O certo é que há muitos membros, mas um só corpo. ²¹Não podem os olhos dizer à mão: Não precisamos de ti; nem ainda a cabeça, aos pés: Não preciso de vós. ²²Pelo contrário, os membros do corpo que parecem ser mais fracos são necessários; ²³e os que nos parecem menos dignos no corpo, a estes damos muito maior honra; também os que em nós não são decorosos revestimos de especial honra. ²⁴Mas os nossos membros nobres não têm necessidade disso. Contudo, Deus coordenou o corpo, concedendo muito mais honra àquilo que menos tinha, ²⁵para que não haja divisão no corpo; pelo contrário, cooperem os membros, com igual cuidado, em favor uns dos outros. ²⁶De maneira que, se um membro sofre, todos sofrem com ele; e, se um deles é honrado, com ele todos se regozijam.

²⁷Ora, ^cvós sois corpo de Cristo; e, individualmente, ^dmembros desse corpo. ²⁸A uns estabeleceu ^eDeus na igreja, primeiramente, ^fapóstolos; em segundo lugar, ^gprofetas; em



⁶ ^h1Co 15.28 ⁸ ⁱ1Co 2.6-7 / ^jRm 15.14 ⁹ ^k2Co 4.13 ^lMc 3.15; 16.18 ^mCl 1.18 e ⁿM; ^oNU em um ¹⁰ ^pMc 16.17 ^qRm 12.6 ^r1Jo 4.1 ^sAt 2.4-11 ¹¹ ^tRm 12.6 ^u[Jo 3.8] ¹² ^vRm 12.4-5 ^w[Gl 3.16] ¹³ ^x[Rm 6.5] ^yCl 3.11 ^z[Jo 7.37-39] ¹⁸ ^a1Co 12.28 ^bRm 12.3 ²⁷ ^cRm 12.5 ^dEf 5.30 ²⁸ ^eEf 4.11 / [Ef 2.20; 3.5] ^gAt 13.1

•**12.7 visando a um fim proveitoso.** Teremos entendido completamente mal o propósito dos dons do Espírito (aqui chamados de “manifestação”) se usarmos esses dons por razões egoístas. Visto que há diferentes necessidades na comunidade cristã, diferentes dons são requeridos em cada comunidade.

•**12.8-10** Esta lista de dons espirituais não pretende ser um catálogo completo (outros dons são incluídos no v. 28); talvez reflita dons que eram especialmente evidentes na igreja de Corinto. Não precisamos supor que todos os dons eram manifestados em cada igreja. A lista que vemos em Rm 12.6-8, por exemplo, inclui somente dois dos dons aqui mencionados (profecia e fé), e omite aqueles dons que poderiam ser considerados miraculosos, como as curas e as línguas. Ao tentarmos determinar o caráter de alguns dos dons aqui mencionados, somos impedidos pela ausência de descrições sobre os mesmos no Novo Testamento. A “palavra de sabedoria” pode ser a capacidade de resolver problemas espirituais difíceis, enquanto a “palavra de conhecimento” pode ser uma revelação especial de alguma espécie, embora não possamos ter certeza disso. Também não é claro por que Paulo alistou, em separado, os dons da “fé”, das “curas” e das “operações de milagres”. A referência ao “discernimento de espíritos” talvez deva ser entendida à luz de 14.29. Nossa incapacidade de determinar a função exata de alguns desses dons não é obstáculo para entendermos o impacto desta passagem, cujo alvo não é fornecer instruções detalhadas sobre eles, mas é enfatizar a variedade das graças de Deus à sua Igreja (v. 11).

•**12.10 a um, variedade de línguas.** A descrição apropriada deste dom tem gerado intensos debates. De acordo com certo ponto de vista, refere-se a alguma espécie de fala extática, possivelmente relacionadas às “línguas dos anjos”, mencionadas em 13.1. Por outro lado, o Novo Testamento dá evidência explícita e inequívoca de que o Espírito Santo deu aos crentes primitivos a capacidade de falar em línguas humanas estrangeiras (At 2.4-11). Embora objeções também possam ser levantadas contra essa opinião (14.2, nota), pelo menos ela pode ser apoiada por um precedente bíblico.

•**12.11 como lhe apraz.** Essa breve cláusula estabelece em sua própria perspectiva a lista anterior de dons espirituais. Se um indivíduo ou uma igreja possui um dom em particular, não cabe a nós decidirmos. É o Espírito quem provê soberanamente os dons para o povo de Deus. Esse fator talvez explique por que nenhuma passagem do Novo Testamento oferece um catálogo completo de dons espirituais, e nem uma definição precisa dos mesmos, visto que podem variar de modo significativo, de acordo com os planos de Deus, em situações mutáveis. Uma igreja local pode, mui apropriadamente, orar para que Deus conceda dons

para satisfazer às suas necessidades, mas essas orações devem ser oferecidas em submissão à sua soberana vontade e sua perfeita sabedoria.

•**12.12 o corpo é um.** Ver “A Igreja”, em Ef 2.19. A descrição da Igreja de Cristo como um corpo é um dos ensinamentos mais distintivos e significativos de Paulo (1.13, nota). De fato, o apóstolo dos gentios diz-nos que lhe foi dada uma revelação especial sobre esse “mistério”, o qual esteve oculto por muitos séculos, a saber, que o povo de Deus, formado tanto por judeus como por gentios convertidos, constitui agora um único corpo, em virtude da exaltação de Cristo (Ef 1.22-23; 3.2-6). Tanto a existência quanto o crescimento da Igreja derivam-se dessa unidade estabelecida por Cristo, por meio do Espírito (Ef 4.3-6; 11-16; Cl 2.19; 3.14-15).

•**12.13 em um só Espírito, todos nós fomos batizados.** A ênfase que recai sobre a palavra “todos” e a alusão aos sacramentos relembra a descrição similar sobre os israelitas, em 10.2-4 (notas). Uma das verdades significadas e selada pelo batismo com água é o batismo do Espírito Santo, que incorpora os crentes no corpo de Cristo. O batismo substitui a circuncisão como o sinal de admissão na aliança de Deus (Cl 2.11-14). De maneira semelhante, tomar parte da mesa do Senhor significa a nossa contínua comunhão com Cristo e sua Igreja (10.17; 11.29, nota).

•**12.14-20** Tendo afirmado a unidade da Igreja de Cristo, Paulo passa a falar sobre a sua diversidade. Alguns estudiosos têm comentado que o problema mais fundamental dos crentes de Corinto não era sua rejeição à unidade da Igreja, mas seu fracasso em reconhecer a sua diversidade. Paulo corrige esse erro através de uma comparação com o corpo humano. Ele apela para a vontade soberana de Deus, que “dispôs os membros, colocando cada um deles no corpo, como lhe aprouve” (v. 18; v. 11). Se os crentes coríntios negassem a validade de certos dons, na realidade eles estariam questionando a autoridade de Deus na distribuição dos dons espirituais. Paulo tinha salientado a unidade da Igreja, mas não uma uniformidade que fizesse calar formas válidas de diversidade.

•**12.22-23 mais fracos... menos dignos.** Essa comparação manifesta o problema que vinha ocupando a mente de Paulo pela maior parte desta epístola, a saber, um senso de superioridade espiritual entre alguns dos crentes de Corinto, e seu conseqüente desdém por alguns que pareciam mais “fracos” e menos “dignos”. A desvalorização, por parte deles, de certos dons espirituais (talvez em favor do dom de línguas), é a preocupação de Paulo aqui.

•**12.27 individualmente, membros.** Ver “A Igreja Local”, em Ap 2.1.

•**12.28** Ver “Dons e Ministérios”, em Ef 4.7. Os itens existentes neste versículo são diferentes daqueles nos vs. 8-10 — confirmação de que Paulo não estava interessado em fornecer uma lista completa. Aqui Paulo começa com os “apóstolos”

terceiro lugar, mestres; depois, operadores de ^hmilagres; depois, ⁱdons de curar, ^jsocorros, ^kgovernos, variedades de línguas. ²⁹ Porventura, são todos apóstolos? Ou, todos profetas? São todos mestres? Ou, operadores de milagres? ³⁰ Têm todos dons de curar? Falam todos em outras línguas? Interpretam-nas todos? ³¹ Entretanto, ^mprocurai, com zelo, os ^smelhores dons.

O amor é o dom supremo

E eu passo a mostrar-vos ainda um caminho sobremodo excelente.

13 Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine. ² Ainda que eu tenha o dom de ^aprofetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ain-



^h 1Co 12.10,29 ⁱ 1Co 12.9,30 ^j Nm 11.17 ^k Rm 12.8 **31** ^m 1Co 14.1,39 ^s Cf. TR e M; NU maiores

CAPÍTULO 13 ² ^a 1Co 12.8-10,28; 14.1 ^b Mt 17.20; 21.21 ³ ^c Mt 6.1-2 ^d Cf. TR e M; NU para me gloriar ⁴ ^d Pv 10.12; 17.9 ^e Ef 4.32 ^f Gl 5.26 ² não é arrogante ⁵ ^g 1Co 10.24 ³ guarda rancor ⁶ ^h Rm 1.32 ² Jo 4 ⁷ ⁱ Gl 6.2 ⁹ ^j 1Co 8.2; 13.12 ¹⁰ ^k completo

e os "profetas", os quais ele considera o alicerce (Ef 2.20), e adiciona uma terceira categoria, a dos "mestres", pelo que essa lista tornou-se similar à de Ef 4.11. Embora as palavras gregas para "socorros" e "governos" não ocorram em qualquer outro lugar do Novo Testamento, provavelmente Paulo tivesse em mente os dons daquele que "exerce misericórdia" ou que "preside" (Rm 12.8).

•**12.29-30** Essas perguntas retóricas levam a um clímax o argumento paulino de que não deveríamos esperar que todos tivessem os mesmos dons, visto que Deus os distribui conforme a sua boa vontade (vs. 11,18). Ver também "Os Apóstolos", em At 1.26.

•**12.31 procurai, com zelo, os melhores dons.** O sentido desta sentença tem sido indagado. Alguns acreditam que estão em pauta dons mais importantes no v. 28 (especialmente a profecia, 14.1); outros argumentam que ela introduz a discussão sobre o amor, no cap. 13. Mais provavelmente ainda, Paulo está antecipando aquilo que diria mais adiante sobre os dons "para a edificação da igreja" (14.12), isto é, falar "palavras com o meu entendimento, para instruir outros" (14.19).

um caminho sobremodo excelente. Antes de explicar quais são esses "melhores dons", conforme ele faria no cap. 14, Paulo precisa indicar qual a condição essencial para o exercício apropriado de qualquer dom — o amor.

•**13.1-3** Usando de um exagero intencional, Paulo enfatizou a inutilidade dos dons quando exercidos sem o concurso do amor. A expressão "línguas dos homens" refere-se, provavelmente, ao dom de falar em línguas estrangeiras (At 2.4-11), enquanto que a adição "e dos anjos" pode ser um exagero deliberado (similar a "compreender todos os mistérios" ou "remover montanhas"). Se os crentes de Corinto reivindicavam usar a linguagem dos anjos é impossível de determinar (12.10, nota). A expressão "ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado" também pode ser uma declaração dramaticamente exagerada.

•**13.4-7** Paulo personaliza o amor como uma pessoa que age do modo a que os

da que eu tenha tamanha fé, ^ba ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei. ³ E ^cainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo ⁱpara ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará.

⁴ O amor é paciente, é ^ebenigno; o amor ^fnão arde em ciúmes, não se ufana, ²não se ensoberbece, ⁵não se conduz inconvenientemente, ⁶não procura os seus interesses, não se exaspera, não ³se ressentido do mal; ⁶não se alegra com a injustiça, mas ⁱregozija-se com a verdade; ⁷tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. ⁸ O amor jamais acaba; mas, havendo profecias, desaparecerão; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, passará; ⁹ porque, em parte, conhecemos e, em parte, profetizamos. ¹⁰ Quando, porém, vier o que é ^dperfeito, então, o que é em parte será aniquilado. ¹¹ Quando

crentes deveriam agir. O quadro total sugere uma descrição do próprio Cristo. Considerando os tipos de problemas que esta epístola aborda, estes versículos são uma reprimenda aos crentes de Corinto, que estavam fracassando na conduta de si mesmos com amor.

•**13.5 não se ressentido do mal.** Paulo talvez quisesse indicar que os crentes que amam não planejam o mal contra seus semelhantes. Mais provavelmente, porém, ele indica que aqueles que amam não concentram a sua atenção sobre os erros que outras pessoas cometem contra eles (ver nota textual).

•**13.7 tudo.** Paulo se utiliza dessa palavra por quatro vezes, para efeito retórico, ao levar sua descrição sobre o amor a um ponto culminante.

•**13.8 O amor jamais acaba.** Poderíamos ver essa declaração como um sumário do versículo anterior, especialmente à luz do comentário de que o amor "tudo suporta". Ao mesmo tempo, a declaração permite que Paulo construa um contraste entre o amor, que sempre "permanece" (v. 13), e os dons espirituais, que cessarão.

profecias... línguas... ciência. É provável que Paulo tenha mencionado esses três itens como representantes de todos os dons espirituais, que terão uma função temporária e terrena até o fim de nossa era. Outros têm sugerido que esses três dons, em particular, foram mencionados por Paulo por terem uma função reveladora que chegou ao fim ao se completar o cânon do Novo Testamento (v. 10, nota).

•**13.10 perfeito.** O contexto (especialmente o v. 12) sugere fortemente que Paulo está se referindo aqui à segunda vinda de Cristo como o evento final do plano divino da redenção e da revelação. Em comparação com aquilo que receberemos então, as bênçãos presentes são apenas parciais e, portanto, imperfeitas. Desse modo, era um sinal de imaturidade quando os crentes coríntios tratavam os dons temporários e incompletos do Espírito como revestidos de significação final. De acordo com outra posição, Paulo podia estar se referindo à revelação "completa"

O caminho sobremodo excelente (13.1-13)

O Amor é...	Sem Amor...	O Amor é Maior Que...
Paciente, benigno, altruísta, verdadeiro, cheio de esperança, duradouro (vs. 4-7)	As línguas são apenas barulho (v. 1)	Profecias, que desaparecerão (v. 8)
Não é invejoso, orgulhoso, egoísta ou rude, nem aceita provocação (vs. 4-5)	Profecias, mistérios, ciência e fé nada valem (v. 2)	Línguas, que cessarão (v. 8)
	Boas obras são inúteis (v. 3)	Ciência, que passará (v. 8)

Amor é um dos termos mais dinâmicos que Paulo emprega para referir-se à vida santa habilitada pela plenitude do Espírito. Inclui motivação e ação. O amor é característica do cristão maduro.

AMOR

1Co 13.13

O Cristianismo do Novo Testamento é a resposta humana para a revelação do Criador como Deus de amor. Em amor por aqueles que não amavam, o Pai deu o Filho, e o Filho deu sua vida, e o Pai e o Filho juntos enviaram o Espírito, para salvar os pecadores da miséria e levá-los à glória. Crer e desfrutar dessa tremenda realidade do amor divino sustenta o amor por Deus e pelo próximo, que os dois grandes mandamentos exigem (Mt 22.35-40). O nosso amor expressa nossa gratidão pelo amor gracioso de Deus para conosco e o imita como um modelo (Ef 4.32—5.2; 1Jo 3.16).

O amor cristão é a marca indispensável da vida cristã. A medida e a prova do amor a Deus é a obediência a ele de todo o coração (Jo 14.15,21,23; 1Jo 5.3); a medida e a prova do amor ao próximo é dar a própria vida em favor dele (1Jo 3.16; cf. Jo 15.12-13). Esse amor sacrificial envolve dar, gastar e até empobrecer-se pelo bem-estar do próximo. A história apresentada por Jesus acerca da bondade do samaritano para com um tradicional inimigo é o seu modelo de como se deve amar o próximo (Lc 10.25-37).

O amor cristão é descrito em 1Co 13. A sua total ausência de interesse próprio é marcante. O amor busca o bem do próximo, e a sua verdadeira medida é o quanto ele dá para que se alcance tal fim. Mais do que simples emoção, o amor é um princípio de ação. É uma questão de fazer algo pelos outros por compaixão a eles, sem levar em conta se sentimos ou não afeição por eles. É pelo amor ativo de uns para com os outros que os discípulos de Jesus podem ser reconhecidos (Jo 13.34-35).

eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino; quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino. ¹² Porque, ^magora, vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos ⁿface a face. Agora, conheço em parte; então, conhecerei como também sou conhecido. ¹³ Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior destes é o amor.

O dom de profecia é superior ao de línguas

14 Segui o amor e ^aprocurai, com zelo, os dons espirituais, ^bmas principalmente que profetizeis. ² Pois quem ^cfala em outra língua não fala a homens, senão a Deus, visto que ninguém o entende, e em espírito fala mistérios. ³ Mas o que profetiza fala aos homens, ^dedificando, ^eexortando e consolando. ⁴ O que fala em outra língua a si mesmo se edifica, mas o que profetiza edifica a igreja. ⁵ Eu quisera que

vós todos falásseis em outras línguas; muito mais, porém, que profetizásseis; ^fpois quem profetiza é superior ao que fala em outras línguas, salvo se as interpretar, para que a igreja receba edificação.

⁶ Agora, porém, irmãos, se eu for ter convosco falando em outras línguas, em que vos aproveitarei, se vos não falar por meio de ^grevelação, ou de ciência, ou de profecia, ou de doutrina? ⁷ É assim que instrumentos inanimados, como a flauta ou a cítara, quando emitem sons, se não os derem bem distintos, como se reconhecerá o que se toca na flauta ou cítara? ⁸ Pois também se a trombeta der som incerto, quem se preparará para a batalha? ⁹ Assim, vós, se, com a língua, não disserdes palavra compreensível, como se entenderá o que dizeis? Porque estareis como se falásseis ao ar. ¹⁰ Há, sem dúvida, muitos tipos de vozes no mundo; nenhum deles, contudo, sem sentido. ¹¹ Se eu, pois, ignorar a significação da voz, serei ^hestrangeiro



¹² m Fp 3.12 ⁿ [1Jo 3.2]

CAPÍTULO 14 ¹ a 1Co 12.31; 14.39 ^b Nm 11.25,29 ² c At 2.4; 10.46 ³ d Rm 14.19; 15.2 ^e 1Tm 4.13 ⁵ f NU e ⁶ f 1Co 14.26; Ef 1.17 ¹¹ ² Lit. *bárbaro*

(ver nota textual) contida nas Escrituras do Novo Testamento, o que tornou obsoletos a profecia e outros dons reveladores. Ainda outras interpretações têm sido sugeridas, tal como a maturidade no amor, que os crentes coríntios deveriam ter como alvo, o amadurecimento da Igreja Primitiva, ou a morte do crente individual.

• **13.12 então, conhecerei como também sou conhecido.** Talvez porque os coríntios gostavam de jactar-se de seu conhecimento (8.1, nota), Paulo conclui a passagem salientando o caráter parcial de todo o conhecimento presente. A mudança da voz ativa ("conheço") para a voz passiva ("sou conhecido") encontra-se algures nas epístolas do apóstolo e serve para enfatizar a dependência da graça de Deus (8.3; Gl 4.9). Aqui, o enfoque recai sobre o caráter íntimo e imediato do conhecimento sobre Deus, que compartilharemos algum dia.

• **13.13 o maior destes é o amor.** Ver nota teológica "Amor".

• **14.1 mas principalmente que profetizeis.** Tendo colocado a discussão dentro da moldura apropriada do amor, Paulo agora encoraja os crentes de Corinto a reconhecerem o valor dos dons espirituais. É visto que eles tinham exagerado a importância do dom de línguas, entretanto, a ênfase do cap. 14 recai sobre os dons inteligíveis (v. 19) — primariamente a profecia, mas também a interpretação de línguas (vs. 27-28).

• **14.2 não fala a homens, senão a Deus... fala mistérios.** Este versículo (cf. v. 14) descreve o dom de línguas de uma maneira que parece incoerente com o dom de falar em línguas estrangeiras, mencionado em At 2.4-11 (embora alguns creiam que o milagre, no dia de Pentecostes, tenha sido um milagre de audição).

Muitos argumentam que aqui Paulo está lidando com algo diferente — uma espécie de fala extática, usada nas orações íntimas (Rm 8.26). Contudo, a palavra aqui traduzida como "língua" é o termo grego normal que significa "linguagem". Em segundo lugar, o uso que Paulo faz do termo "mistério" indica uma verdade divina que ainda não foi desvendada; e não tem o mesmo sentido do vocábulo português "mistério" (2.7, nota). Em terceiro lugar, os vs. 10-11, bem como o v. 21, dão sustento à idéia que mesmo aqui Paulo está falando sobre a linguagem humana (12.8-10, nota).

• **em espírito.** Ou seja, em oposição a falar com a sua mente (vs. 13-15), até aquele que fala não entende o que está dizendo. Mas essa frase provavelmente deveria ser traduzida por "no Espírito", a fim de salientar a inspiração divina envolvida no ato de proferir um mistério.

• **14.4 a si mesmo se edifica.** Aqueles que falam em uma língua que não é interpretada, são encorajados e confortados, apesar de não terem entendido a mensagem.

• **14.6 em que vos aproveitarei.** Esse princípio de beneficiar a outros, edificando-os, torna-se o ponto-chave da passagem. Paulo está aplicando o ensino de 12.7, de que Deus concede uma certa variedade de dons "visando a um fim proveitoso".

• **14.7-8** Estes versículos ilustram o princípio mencionado no v. 6. Os instrumentos musicais nada transmitem a seus ouvintes a menos que sejam tocados com um propósito inteligente.

para aquele que fala; e ele, estrangeiro para mim. ¹² Assim, também vós, visto que ³ desejais dons espirituais, procurai progredir, para a edificação da igreja.

¹³ Pelo que, o que fala em outra língua deve orar para que a possa interpretar. ¹⁴ Porque, se eu orar em outra língua, o meu espírito ora de fato, mas a minha mente fica infrutífera. ¹⁵ Que farei, pois? Orarei com o espírito, mas também orarei com a mente; ¹⁶ cantarei com o espírito, mas também cantarei com a mente. ¹⁶ E, se tu bendisseres apenas em espírito, como dirá o indouto o amém ¹ depois da tua ação de graças? Visto que não entende o que dizes; ¹⁷ porque tu, de fato, dás bem as graças, mas o outro não é edificado. ¹⁸ Dou graças a Deus, porque falo em outras línguas mais do que todos vós. ¹⁹ Contudo, prefiro falar na igreja cinco palavras com o meu entendimento, para instruir outros, a falar dez mil palavras em outra língua.

Os dons em face dos visitantes na igreja

²⁰ Irmãos, ¹ não sejais meninos no juízo; na malícia, sim, ^m sede crianças; quanto ao juízo, sede homens amadurecidos. ²¹ Na lei está escrito:

Falarei a este povo ^o por homens de outras línguas e por lábios de outros povos, e nem assim me ouvirão, diz o Senhor.

²² De sorte que as línguas constituem um ^p sinal não para os crentes, mas para os incrédulos; mas a profecia não é para os incrédulos, e sim para os que creem. ²³ Se, pois, toda a igreja se

reunir no mesmo lugar, e todos se puserem a falar em outras línguas, no caso de entrarem indoutos ou incrédulos, ^q não dirão, porventura, que estais loucos? ²⁴ Porém, se todos profetizarem, e entrar algum incrédulo ou indouto, é ele por todos convencido e por todos julgado; ²⁵ ⁴ tornam-se-lhe manifestos os segredos do coração, e, assim, prostrando-se com a face em terra, adorará a Deus, testemunhando ^r que Deus está, de fato, no meio de vós.

A necessidade de ordem no culto

²⁶ Que fazer, pois, irmãos? Quando vos reunis, um tem salmo, ^s outro, doutrina, este traz revelação, aquele, outra língua, e ainda outro, interpretação. ²⁷ Seja tudo feito para edificação. ²⁷ No caso de alguém falar em outra língua, que não sejam mais do que dois ou quando muito três, e isto sucessivamente, e haja quem interprete. ²⁸ Mas, não havendo intérprete, fique calado na igreja, falando consigo mesmo e com Deus. ²⁹ Tratando-se de profetas, falem apenas dois ou três, ^u e os outros julguem. ³⁰ Se, porém, vier revelação a outrem que esteja assentado, ^v cale-se o primeiro. ³¹ Porque todos podem profetizar, um após outro, para todos aprenderem e serem consolados. ³² ^x Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas; ³³ porque Deus não é de ^y confusão, e sim de paz. ^z Como em todas as igrejas dos santos, ³⁴ ^a conservem-se as ^o mulheres caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar; mas estejam submissas como também a ^b lei o



¹² ³ sois avidamente desejosos de ¹³ ⁸ 1Co 12.10 ¹⁵ ^h Ef 5.19; Cl 3.16 ¹⁶ ⁷ SI 47.7 ¹⁶ ^d Dt 27.15-26; 1Cr 16.36; Ne 5.13; 8.6; SI 106.8; Jr 11.5; 28.6; 1Co 11.24; Ap 5.14; 7.12 ²⁰ ¹ SI 131.2; [Mt 11.25; 18.3; 19.14]; Rm 16.19; 1Co 3.1; Ef 4.14; Hb 5.12-13 ^m [Mt 18.3; 1Pe 2.2] ²¹ ⁿ Jo 10.34; 1Co 14.34 ^o Is 28.11-12 ²² ^p Mc 16.17 ²³ ^q At 2.13 ²⁵ ^r Is 45.14; Dn 2.47; Zc 8.23; At 4.13 ⁴ Cf. NU; TR e ME ^{assim tornaram-se-lhes}; NU omite ²⁶ ^s 1Co 12.8-10; 14.6 ¹ 1Co 12.7; [2Co 12.19] ²⁹ ^u 1Co 12.10 ³⁰ ^v [1Ts 5.19-20] ³² ^x 1Jo 4.1 ³³ ^z 1Co 11.16 ⁵ ^{desordem} ³⁴ ^a 1Tm 2.11; 1Pe 3.1 ^b Gn 3.16 ^c Cf. NU; TR e M ^{vossas mulheres}

•14.13 deve orar para que a possa interpretar. Sem minimizar a importância do dom de línguas, Paulo encorajou os crentes coríntios a usar esse dom de uma maneira que o torne valioso para a congregação.

•14.14 o meu espírito ora de fato, mas a minha mente fica infrutífera. Qualquer que seja o benefício espiritual que ele possa receber dessa experiência, sua compreensão não é edificada. No versículo seguinte, Paulo destaca que ele preferia receber ambos esses benefícios.

•14.16 como dirá o indouto o amém depois da tua ação de graças. Os membros da congregação, se tiverem de participar da adoração pública, devem ser capazes de concordar com a mensagem dos hinos que forem entoados e das orações que forem oferecidas. O costume de exprimir aprovação com um "Amém" audível ("assim seja") não pode ser seguido se a pessoa não entender o que foi dito.

•14.18-19 É possível que os crentes de Corinto justificassem a ênfase que davam ao dom de línguas argumentando que Paulo também exercia esse dom. Sem negar esse fato, o apóstolo põe o dom em sua perspectiva apropriada ao salientar que será muito mais valioso fazer alguma coisa que possa "instruir outros".

•14.20-25 Até este ponto, Paulo vinha discutindo o uso das línguas entre os crentes. Mas que dizer sobre os incrédulos que ouvissem as línguas? Os crentes coríntios tinham ignorado os incrédulos, e Paulo admoestou a igreja por essa exibição de imaturidade espiritual. Ele apela para "a lei" (o Antigo Testamento) para mostrar que Deus usa línguas estranhas como sinal de julgamento. O trecho de Is 28.11 explica como Deus julgou os israelitas mediante os assírios, que falavam um idioma estrangeiro. Se os incrédulos chegassem à adoração e ouvissem uma língua ininteligível, eles seriam repelidos (v. 23) e rejeitariam o evangelho. Nessa situação, as línguas não interpretadas servem de sinal de julgamento "para os incrédulos" (v. 22). Mas os crentes de Corinto deveriam ter como alvo levar os incrédulos ao arrependimento e a reconhecerem que Deus está presente (v. 25). Visto que Deus usa as palavras compreen-

síveis da profecia para realizar esse propósito, a profecia é um sinal "para os que creem" e serve de evidência da bondade de Deus para com eles (v. 22).

•14.26 para edificação. Ver nota no v. 6, "O Modelo de Deus para o Culto", em 1Cr 16.29.

•14.27 haja quem interprete. Essa preocupação com o entendimento molda a discussão inteira (v. 1, nota). As instruções de Paulo neste versículo e no seguinte demonstram que aqueles que falam em línguas devem controlar sua elocução, ainda que não as tenham compreendido.

•14.29-33 Tendo apresentado instruções para o exercício apropriado do dom de línguas, Paulo começa a explorar outras questões que também afetam a ordem da adoração pública. Visto que ele tinha enfatizado a importância da profecia, ele salienta agora que até esse dom deve ser exercido de maneira ordeira — "falem apenas dois ou três" (durante o curso da profecia, ou, talvez, em vários pontos, durante o culto), enquanto que "outros", que também têm o dom da profecia, deviam avaliar a mensagem para averiguar se a mesma não é falsa. Ao que parece, os coríntios falavam em línguas e profetizavam sem se importarem com outros crentes ou com o conteúdo das mensagens (12.2-3, nota). A desordem por eles provocada era uma ameaça à unidade do corpo, e era incompatível com o Deus "da paz" (v. 33).

•14.34-35 Estes versículos têm suscitado debates entre os crentes, pelo menos parcialmente, pois não se sabe qual problema, exatamente, Paulo estava procurando corrigir. Tem até mesmo sido proposto que estes versículos não faziam parte da epístola original de Paulo. Com base em 11.5 e outras passagens do Novo Testamento, fica claro que Paulo não está proibindo, de maneira absoluta, que as mulheres falassem em cada situação na igreja. Paulo podia estar tratando de algum problema particular em Corinto, como o de mulheres que criavam desordem durante o culto de adoração. Ele podia ter em mente uma função específica, tal como a avaliação das profecias (vs. 29,32), da qual as mulheres não deveriam participar. Tem sido até sugerido que estes vs. 34-35 são uma citação dos próprios crentes coríntios, que Paulo rejeitou no v. 36.

determina. ³⁵Se, porém, querem aprender alguma coisa, interroguem, em casa, a seu próprio marido; porque para a mulher é vergonhoso falar na igreja. ³⁶Porventura, a palavra de Deus se originou no meio de vós ou veio ela exclusivamente para vós outros?

³⁷Se alguém se considera profeta ou espiritual, reconheça ser mandamento do Senhor o que vos escrevo. ³⁸E, se alguém o ignorar, será ignorado.

³⁹Portanto, meus irmãos, procurai com zelo o dom de profetizar e não proibais o falar em outras línguas. ⁴⁰E Tudo, porém, seja feito com decência e ordem.

A ressurreição de Cristo, penhor da nossa ressurreição

15 Irmãos, venho lembrar-vos o evangelho ^aque vos anunciei, o qual recebestes e ^bno qual ainda perseve-



³⁷ 2Co 10.7; [1Jo 4.6] ³⁸ 7 TR e M se alguém é ignorante, deixe-o ser ignorante ³⁹ 1Co 12.31 ⁴⁰ 1Co 14.33
CAPÍTULO 15 ¹ a [Gl 1.11] ^b [Rm 5.12; 11.20] ² c Rm 1.16 ^d Gl 3.4 ³ e 1Co 11.2,23 ^f [Gl 1.12] ^g Sl 22.15 ⁴ h Sl 16.9-11; 68.18;
110.1 ⁵ i Lc 24.34 / Mt 28.17 ⁷ Pedro ⁶ 2 Morreram ⁷ i At 1.3-4 ⁸ m [At 9.3-8; 22.6-11; 26.12-18] ⁹ n Ef 3.8 ^o At 8.3 ¹⁰ p Ef
3.7-8 ^q Fp 2.13

•14.36 Essas perguntas sarcásticas mostram que Paulo não está dando instruções gerais quanto à adoração. Antes, ele procurava solucionar problemas sérios que se originavam da arrogância jactanciosa dos crentes de Corinto.

•14.38 o ignorar, será ignorado. Ver nota em 13.12 quanto ao contraste entre conhecer e ser conhecido. Este versículo pode ser uma advertência de que os crentes teimosos seriam disciplinados por Paulo ou pela igreja (2Ts 3.14), mas a linguagem sugere que eles ficariam sujeitos ao julgamento divino direto.

•14.39-40 Estes dois versículos são um sumário conciso do cap. 14.

•15.1 Neste versículo, Paulo muda o assunto para outro tópico de grande importância para ele — a integridade da mensagem do evangelho naquilo que ela enfatiza sobre a doutrina da ressurreição.

•15.2 se retiverdes a palavra. Ver nota em 9.27.

a menos que tenhais crido em vão. Negar a ressurreição de Cristo torna a nossa fé inútil (v. 14).

•15.3-5 Estes três versículos dão a essência não somente da pregação de Paulo, mas do ensino da Igreja Primitiva como um todo ("o que também recebi"): a morte vicária e a ressurreição de Cristo como o cumprimento da mensagem do Antigo Testamento.

•15.5-8 A repetição de "foi visto" indica a ênfase de Paulo nesta passagem — a prova dada por testemunhas oculares de que Cristo ressuscitou dentre os mortos. Muitos dos crentes que tinham testificado as aparições do Cristo ressurreto continuavam vivos quando Paulo escreveu esta epístola, e isso significava que qualquer crente podia averiguar, por si mesmo, os fatos. Particularmente significativa é a referência a "por mais de quinhentos irmãos de uma só vez", pois ela mostra que as aparições de Jesus, já ressurreto, não podem ser explicadas como meras alucinações pessoais.

•15.7 Tiago. Não temos aqui uma menção a Tiago, irmão de João, o apóstolo executado por Herodes Agripa (At 12.2), mas ao meio-irmão de Jesus (Jo 7.5; At 12.17; 15.13; Gl 1.19).

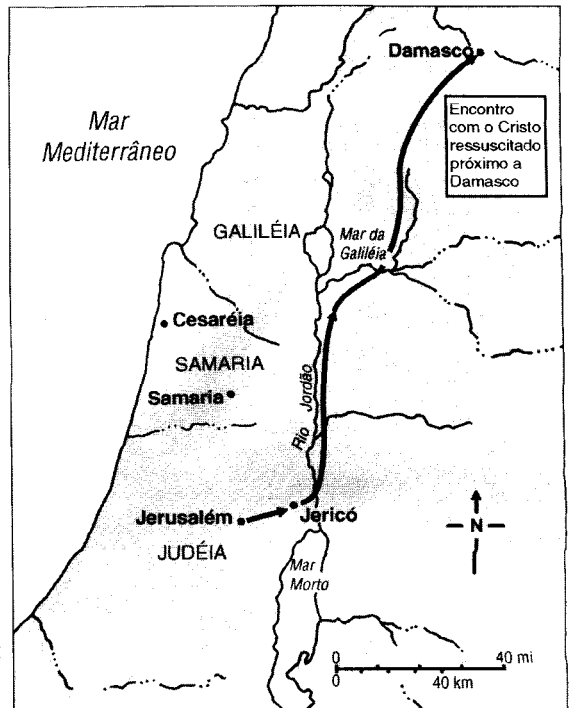
•15.8 como por um nascido fora de tempo. Essa observação autodepreciadora pode ser uma crítica irônica dos crentes coríntios que tinham Paulo em baixa estima (2.1, nota). O que o apóstolo queria dizer foi indicado pela frase "e, afinal". As aparições do Senhor tinham cessado e Paulo era um perseguidor da Igreja quando recebeu sua chamada para o apostolado (Gl 1.13,23; Fp 3.6; 1Tm 1.13-16). Embora

raiz; ² por ele também sois salvos, se retiverdes a palavra tal como vo-la preguei, a menos que ^dtenhais crido em vão.

³ Antes de tudo, vos ^eentreguei o ^fque também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, ^gsegundo as Escrituras, ⁴e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, ^hsegundo as Escrituras. ⁵ ⁱE apareceu a ^jCefas e, depois, ^kaos doze. ⁶ Depois, foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais a maioria sobrevive até agora; porém alguns já ²dormem. ⁷ Depois, foi visto por Tiago, mais tarde, ^lpor todos os apóstolos ⁸ ^me, afinal, depois de todos, foi visto também por mim, como por um nascido fora de tempo. ⁹ Porque eu sou ⁿo menor dos apóstolos, que mesmo não sou digno de ser chamado apóstolo, pois ^opersegui a igreja de Deus. ¹⁰ Mas, ^ppela graça de Deus, sou o que sou; e a sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã; antes, trabalhei muito mais do que todos eles; ^qtodavia, não eu, mas a

Paulo não tivesse estado com Jesus durante o seu ministério terreno, foi-lhe concedido o privilégio de ver a Jesus ressurreto dentre os mortos, e foi comissionado para ser um apóstolo, com especial ministério entre os povos gentílicos (At 9.3-5,15; Gl 1.15-16). Aquilo que Paulo diz tão agudamente é que o ofício apostólico era um dom ministerial ímpar e fundamental dado à Igreja (Ef 2.20).

•15.10 graça de Deus. Tendo admitido livremente o caráter anormal e sem merecimentos de sua experiência, Paulo passa a salientar que o seu passado não era razão para os crentes de Corinto rejeitarem a sua mensagem. Onde o pecado é abundante, a graça eficaz de Deus superabunda (Rm 5.20); quando estamos fracos, a graça de Deus mostra-se forte (2Co 12.9-10). A graça divina não fez de Paulo um preguiçoso, mas levou-o a trabalhar "mais" do que qualquer outra pessoa.



Paulo no caminho para Damasco

Provido de cartas do sumo sacerdote, Saulo partiu de Jerusalém para Damasco a fim de perseguir cristãos. Ao aproximar-se de Damasco, ele foi confrontado por Jesus ressurreto, deixando-o cego (At 9.1-9). Saulo, que havia perseguido "a igreja de Deus" (1Co 15.9), tornou-se Paulo, e passou a pregar que Jesus é o Messias.

RESSURREIÇÃO E GLORIFICAÇÃO

1Co 15.21

Jesus foi o primeiro a ser ressuscitado dentre os mortos para uma existência glorificada, não mais sujeita à morte como castigo pelo pecado (At 26.23). Quando voltar a este mundo, ele levantará seus servos da morte para a vida ressurreta, como a sua própria vida (1Co 15.20-23; 2Co 5.1-5; Fp 3.20-21). Na verdade, ele ressuscitará da morte toda a raça humana. Porém os que não são seus ressurgirão para a condenação (Jo 5.29) e estarão sujeitos “à segunda morte” por causa de seus pecados (Ap 2.11; 21.8). Os cristãos que estiverem vivos na sua vinda, naquele instante passarão por uma maravilhosa transformação (1Co 15.50-54).

Há uma continuidade entre o corpo mortal e o corpo imortal. Jesus ressurgiu com o mesmo corpo com que morreu. Paulo compara o corpo mortal e o corpo da ressurreição com uma semente e a planta que dela brota (1Co 15.35-44). Embora haja continuidade, há também descontinuidade. Nosso corpo atual, como o de Adão, é natural e terreno, sujeito à fraqueza e à morte. O corpo da ressurreição, como o de Cristo, será espiritual, criado e sustentado pelo Espírito Santo, e pertencerá à ordem celestial, eterna e imperecível (1Co 15.45-54).

Depois da ressurreição, os discípulos de Jesus puderam reconhecê-lo, apesar da diferença de seu novo corpo. Do mesmo modo, os cristãos reconhecerão uns aos outros, e haverá reuniões jubilosas quando cessar a separação causada pela morte. Isso se deduz de 1Ts 4.13-18. Nessa passagem, Paulo assegura aos que estão aflitos que eles verão outra vez seus amados que são cristãos.

Glorificação é a obra de transformação que remove de nós todo o pecado e nos coloca num estado de perfeita comunhão com Deus (1Co 13.12). Os santos cultuarão e servirão a Deus com uma natureza transformada e um coração libertado. Nosso desejo de estar com Deus e desfrutar de seu amor será cumprido na presença do Deus trino (Jó 19.26; Mt 5.8; Ap 22.3-4).

A descrição de Paulo, em Rm 8.30, do processo pelo qual Deus salva seus eleitos termina com um notável tempo verbal passado: “glorificou” aqueles que estavam salvos. Literalmente, a glorificação está ainda no futuro para cada um dos eleitos, com exceção do próprio Jesus. O pensamento de Paulo, aparentemente, é que nossa glorificação já foi decidida por Deus, como parte do seu plano soberano, e pode ser considerada como absolutamente certa.

graça de Deus comigo. ¹¹ Portanto, seja eu ou sejam eles, assim pregamos e assim crestes.

¹² Ora, se é corrente pregar-se que Cristo ressuscitou dentre os mortos, como, pois, afirmam alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos? ¹³ E, se não há ressurreição de mortos, ¹⁴ então, Cristo não ressuscitou. ¹⁴ E, se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã, a vossa fé; ¹⁵ e somos tidos por falsas testemunhas de Deus, porque ¹⁶ temos asseverado contra Deus que ele ressuscitou a Cristo, ao qual ele não ressuscitou, se é certo que os mortos não ressuscitam. ¹⁶ Porque, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. ¹⁷ E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda

¹⁸ permanecéis nos vossos pecados. ¹⁸ E ainda mais: os que ¹⁹ “dormiram” em Cristo pereceram. ¹⁹ ^v Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens.

Cristo, as primícias dos que dormem

²⁰ Mas, de fato, ^x Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele ^z as primícias dos que ⁴ dormem. ²¹ ^a Visto que a morte veio por um homem, também ^b por um homem veio a ressurreição dos mortos. ²² Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos ^c serão vivificados em Cristo. ²³ ^d Cada um, porém, por sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois,



¹³ ^r [1Ts 4.14] ¹⁵ ^s At 2.24 ¹⁷ ^t [Rm 4.25] ¹⁸ ^u Jó 14.12 ³ Morreram ¹⁹ ^v 2Tm 3.12 ²⁰ ^x 1Pe 1.3 ^z At 26.23 ⁴ Morreram ²¹ ^a Rm 5.12; 6.23 ^b Jo 11.25 ²² ^c Jo 5.28-29] ²³ ^d [1Ts 4.15-17]

•15.12 não há ressurreição de mortos. Finalmente, Paulo trata do problema que requeria correção. Alguns dos coríntios, talvez sem negarem que Jesus tinha ressuscitado, questionavam a doutrina da ressurreição, por causa de sua compreensão antibiblica do corpo humano (v. 35, nota). Paulo precisava mostrar-lhes que a ressurreição de Cristo não podia ser separada da ressurreição daqueles que eram dele (vs. 20-23). Se a ressurreição deles não exprime uma verdade, então a ressurreição de Cristo não teria sido uma realidade. Mas negar, mesmo por implicação, que o corpo de Jesus realmente tenha sido levantado do túmulo, destrói a mensagem do evangelho.

•15.14 é vã a nossa pregação, e vã, a vossa fé. Cf. o v. 17. A verdade da mensagem cristã está ligada à realidade histórica da morte e da exaltação de Cristo. O apóstolo não pode conceber que a sua mensagem teria algum valor espiritual sem o seu alicerce histórico.

•15.19 somos os mais infelizes de todos os homens. Embora Paulo não negasse que, em um sentido espiritual, os crentes desfrutavam de uma melhor vida presente do que os incrédulos, este versículo salienta a grandeza daquilo que Deus prometeu para a nossa vida vindoura. Nossa esperança de salvação é tão gloriosa que, se ainda estivéssemos em nossos pecados e perdidos (vs. 17-18),

haveríamos de experimentar o maior e mais cruel de todos os enganos (vs. 31-32).

•15.20 as primícias. Por ocasião da colheita dos israelitas, era requerido que eles trouxessem uma oferta da primeira parte da safra (Lv 23.10). Essa oferta era um sinal de toda a colheita, que pertencia inteiramente a Deus. Jesus é chamado de “primícias” porque a sua ressurreição e a ressurreição dos crentes são eventos intimamente relacionados entre si. Jesus foi “o primeiro da ressurreição dos mortos” (At 26.23), tendo ressuscitado como nosso representante. Sua ressurreição levou à nossa ressurreição espiritual (Rm 6.4; Ef 2.6) e, ao mesmo tempo, garante que nossos corpos serão ressuscitados. Um outro uso dessa metáfora acha-se em Rm 8.23 (cf. também 2Co 1.22; 5.5; Ef 1.14).

•15.21 Esta passagem afirma, de maneira sucinta, um dos mais profundos ensinamentos paulinos — a nossa dupla solidariedade com o primeiro homem, Adão, e com o último homem, Cristo. Em virtude da nossa humanidade, estamos unidos com Adão em nossa presente existência natural, no pecado e na morte; em virtude da nossa fé, estamos unidos com Cristo na existência espiritual, na justiça e na vida por vir (vs. 45-49; Rm 5.17-19). Ver nota teológica “Ressurreição e Glorificação”.

•15.22 em Adão, todos morrem. Ver “A Queda”, em Gn 3.6.

os que são de Cristo, na sua vinda. ²⁴ E, então, virá o fim, quando ele entregar ^e o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder. ²⁵ Porque convém que ele reine ^f até que haja posto todos os inimigos debaixo dos pés. ²⁶ ^g O último inimigo a ser destruído é a morte. ²⁷ Porque ^h todas as coisas sujeitou debaixo dos pés. E, quando diz que todas as coisas lhe estão sujeitas, certamente, exclui aquele que tudo lhe subordinou. ²⁸ Quando, porém, todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então, ⁱ o próprio Filho também se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos.

A ressurreição em relação à vida prática

²⁹ Doutra maneira, que farão os que se batizam por causa dos mortos? Se, absolutamente, os mortos não ressuscitam, por que se batizam por causa deles? ³⁰ E ^j por que também nós nos expomos a perigos a toda hora? ³¹ Dia após dia, ^m morro! Eu o protesto, irmãos, ⁿ pela glória que tenho em vós outros, em Cristo Jesus, nosso Senhor. ³² Se, como homem, ^o lutei em Éfeso com feras, que me aproveita isso? Se os mortos não ressuscitam, ^p comamos e bebamos, que amanhã morreremos. ³³ Não vos enganais: as ^q más conversações cor-

rompem os bons costumes. ³⁴ ^r Tornai-vos à sobriedade, como é justo, e não pequeis; ^s porque alguns ainda *não têm* conhecimento de Deus; isto ^t digo para vergonha vossa.

Os ressuscitados terão corpo

³⁵ Mas alguém dirá: ^u Como ressuscitam os mortos? E em que corpo vêm? ³⁶ Insensato! ^v O que sementes não nasce, se primeiro não morrer; ³⁷ e, quando sementes, não sementes o corpo que há de ser, mas o simples grão, como de trigo ou de qualquer outra semente. ³⁸ Mas Deus lhe dá corpo como lhe aprouve dar e a cada uma das sementes, o seu corpo apropriado. ³⁹ Nem toda carne é a mesma; porém uma é a ^z carne dos homens, outra, a dos animais, outra, a das aves, e outra, a dos peixes. ⁴⁰ Também há corpos celestiais e corpos terrestres; e, sem dúvida, uma é a glória dos celestiais, e outra, a dos terrestres. ⁴¹ Uma é a glória do sol, outra, a glória da lua, e outra, a das estrelas; porque até entre estrela e estrela há diferenças de esplendor. ⁴² ^a Pois assim também é a ressurreição dos mortos. Semeia-se o corpo na corrupção, ressuscita na incorrupção. Semeia-se em desonra, ressuscita em glória. ⁴³ ^b Semeia-se em fraqueza, ressuscita em poder. ⁴⁴ Semeia-se corpo natural, ressuscita



²⁴ ^e [Dn 2.44; 7.14,27] ²⁵ ⁱ [Sl 110.1] ²⁶ ^g [2Tm 1.10] ²⁷ ^h [Sl 8.6] ²⁸ ⁱ [Fp 3.21] / ¹Co 3.23; 11.3; 12.6 ³⁰ ^j [2Co 11.26] ³¹ ^m Rm 8.36 ⁿ 1Ts 2.19 ³² ^o [2Co 1.8] ^p [Is 22.13; 56.12] ³³ ^q [1Co 5.6] ³⁴ ^r Rm 13.11 ^s [1Ts 4.5] ^t [1Co 6.5] ³⁵ ^u Ez 37.3 ³⁶ ^v Jo 12.24 ³⁹ ^c Cf. TR; NU e M omitem *carne* ⁴² ^x [Dn 12.3] ⁴³ ^z [Fp 3.21]

•**15.24-28** Ver “O Reino Celestial de Jesus”, em At 7.55. Embora o argumento de Paulo, nesta seção, seja difícil quanto a seus detalhes, o seu impacto é claro e poderoso. Os crentes de Corinto tinham que entender que a ressurreição não é um evento isolado, com repercussões limitadas. Antes, é um acontecimento integrado e culminante no governo soberano de Deus sobre a história. A redenção não estará completa até que Cristo “haja posto todos os inimigos debaixo dos pés” (v. 25, uma referência clara a Sl 110.1). E visto que a morte é o “último inimigo” (v. 26), a obra de Cristo não terá terminado senão quando a morte for destruída. A declaração paulina de que o Filho “também se sujeitará” ao Pai (v. 28) não significa que o Filho seja inferior quanto à dignidade e ao ser. Antes, em seu trabalho messiânico, o Filho se sujeitará à vontade do Pai, “quando ele entregar o reino ao Deus e Pai” (v. 24). O clímax da obra submissa e messiânica de Cristo será a conquista total de seus inimigos, “para que Deus seja tudo em todos”, quando então o seu governo absoluto será universalmente reconhecido.

•**15.29 se batizam por causa dos mortos.** Aparentemente, alguns crentes de Corinto estavam sendo batizados em favor de outros que já tinham morrido. Essa prática não é mencionada em qualquer outra passagem da Bíblia ou em outros escritos antigos. Numerosas explicações dessa prática têm sido propostas, todas elas com um forte tom especulativo, e nenhuma delas persuasiva. Paulo mencionou esse rito apenas para mostrar a incoerência lógica da posição de seus oponentes.

•**15.32 feras.** É provável que tenhamos aqui uma referência aos inimigos de Paulo em Éfeso (onde esta epístola foi escrita), os quais pretendiam condená-lo (cf. “boca do leão”, 2Tm 4.17, nota). A esperança da ressurreição fortalecia Paulo a suportar severos testes e grandes perseguições (v. 19, nota).

•**15.33 as más conversações corrompem os bons costumes.** Derivado de uma comédia escrita pelo popular autor grego Menandro (342-292 a.C.), este provérbio era comum no mundo antigo (note a declaração judaica comparável, em 5.6). Aqueles crentes de Corinto, com um ponto de vista defeituoso acerca da ressurreição, não somente tinham sido influenciados pelas más companhias com que se misturavam, mas, por sua vez, estavam corrompendo outros crentes da congregação.

•**15.34 alguns ainda não têm conhecimento de Deus.** Provavelmente uma referência a membros da igreja em Corinto que se jactavam de seu conhecimento (8.1, nota), mas cuja negação da doutrina da ressurreição demonstrava profunda ignorância a respeito das realidades divinas.

•**15.35 em que corpo vêm.** Neste versículo Paulo considera aquilo que, aparentemente, era a objeção primária, levantada por alguns crentes de Corinto contra a ressurreição do corpo. Mui provavelmente eles fossem influenciados pelo dualismo, uma filosofia pagã que contrastava a parte imaterial com a parte física do homem, e dizia que a parte imaterial era boa, mas que a parte material era má. Seguindo tais linhas de raciocínio, alguns crentes daí tinham desenvolvido o desdém pelo corpo humano, provavelmente distorcendo as suas idéias sobre as relações sexuais (6.14, nota). Parece que eles pensavam que, visto o corpo ser mau, a doutrina da ressurreição significa que corpos sem honra seriam ressuscitados. Paulo considerava a posição deles como uma tolice (v. 36), e apresentou uma extensa discussão sobre essa questão (vs. 36-49).

•**15.36 se primeiro não morrer.** Visto que Deus é o criador do mundo, os processos da natureza refletem as várias maneiras como ele opera. A natureza provê úteis metáforas e analogias sobre a obra divina da salvação (Is 55.10-11). Jesus usou uma semente (“se morrer, produz muito fruto”, Jo 12.24) como uma ilustração da verdade espiritual. Aqui, Paulo usa o mesmo quadro para ilustrar a notável diferença entre aquilo que é plantado e aquilo que, finalmente, se desenvolverá a partir da semente (v. 37). A mesma sorte de analogia pode ser encontrada no diálogo de Platão intitulado *O Banquete*.

•**15.38 a cada uma das sementes, o seu corpo apropriado.** Neste ponto, Paulo muda a ilustração a fim de destacar as variações existentes entre as diferentes plantas. Ele prossegue a fim de aplicar a idéia a criaturas vivas (v. 39) e a corpos celestes (vs. 40-41).

•**15.42-43** Finalmente, a ilustração é aplicada ao corpo humano, que morre, é sepultado e será transformado por ocasião da ressurreição. Paulo não sugeriu que o corpo ressurreto será um corpo inteiramente diferente do nosso. Assim como uma planta surge diretamente de sua semente, assim o corpo ressurreto é, em sua essência, o mesmo que o corpo que foi “semeado”. Mas a ênfase do apóstolo recai sobre a transformação espantosa que terá lugar: da “corrupção”, da “desonra” e da “fraqueza” para a “incorruptão”, para a “glória” e para o “poder”.

•**15.44 corpo natural... corpo espiritual.** Este último contraste é difícil de ser compreendido, mas reveste-se de grande importância. Paulo não tinha em mente um contraste entre o que é físico e o que é metafísico, e entre o que é material e o que é imaterial. O corpo ressurreto será um corpo físico, e não um fantasma intangível. O apóstolo já havia usado as palavras “natural” e “espiritual” para distinguir o indivíduo destituído do Espírito Santo do indivíduo que tem o Espírito (2.6,14, notas). A pessoa natural pertence à era presente (1.20), ao passo que a

corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual. ⁴⁵ Pois assim está escrito: ^aO primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente. ^bO último Adão, porém, é ^cespírito vivificante. ⁴⁶ Mas não é primeiro o espiritual, e sim o natural; depois, o espiritual. ⁴⁷ ^dO primeiro homem, ^eformado da terra, é terreno; o segundo homem é ^fdo ^gcéu. ⁴⁸ Como foi o primeiro homem, o terreno, tais são também os demais homens terrenos; ^ge, como é o homem celestial, tais também os celestiais. ⁴⁹ E, ^hassim como trouxemos a imagem do que é terreno, ⁱdevemos⁷ trazer também a imagem do celestial.

Os vivos serão transformados

⁵⁰ Isto afirmo, irmãos, que a ^jcarne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorrupção. ⁵¹ Eis que vos digo ^kum mistério: nem todos ^ldormiremos, ^mmas transformados seremos todos, ⁵² num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. ⁿA trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. ⁵³ Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que ^oo corpo mortal se revista da imortalidade. ⁵⁴ E, quando este



⁴⁵ ^aGn 2.7 ^b[Rm 5.14] ^cJó 5.21; 6.57 ⁴⁷ ^dJó 3.31 ^eGn 2.7; 3.19 ^fJó 3.13 ^gCf. NU; TR e M o Senhor do céu ⁴⁸ ^gFp 3.20 ⁴⁹ ^hGn 5.3 [Rm 8.29] ⁱCf. TR e M; NU *traremos* ⁵⁰ ^j[Jo 3.3,5] ⁵¹ ^k[1Ts 4.15] ^m[Fp 3.21] ^o*uma verdade oculta* ⁵² ⁿMt 24.31 ⁵³ ^o2Co 5.4 ⁵⁴ ^pIs 25.8 ^qOs 13.14 ⁵⁶ ^r[Rm 3.20; 4.15; 7.8] ⁵⁷ ^s[Rm 7.25] ^t[Jo 5.4] ⁵⁸ ^u2Pe 3.14 ^v[1Co 3.8]

CAPÍTULO 15 1 ^aGl 2.10 2 ^bAt 20.7 3 ^c2Co 3.1; 8.18 4 ^d2Co 8.4,19

pessoa espiritual é um cidadão do céu (Fp 3.20). Os crentes receberam o Espírito Santo e, por essa razão, são “espirituais”. Mas ainda não receberam o “corpo” espiritual, o corpo que será plenamente conformedo à vida dada pelo Espírito. Ver Rm 8.22-25 e nota.

•15.45 alma vivente... espírito vivificante. Paulo esclarece mais ainda o que ele queria dizer continuando o contraste entre o primeiro Adão e o último Adão (vs. 21-22, nota). A palavra grega traduzida aqui por “alma” (no grego, *psyche*) é relacionada à palavra traduzida por “natural”, no v. 44 (no grego, *psychikós*), ao passo que a palavra “espírito” (no grego, *pneuma*) corresponde a “espiritual” (no grego, *pneumatikós*). As palavras “espírito vivificante” mui provavelmente sejam uma referência ao Espírito Santo. Jesus e o Espírito Santo não são uma mesma Pessoa, mas Jesus e o Espírito são identificados em termos da presença e da atividade deles na Igreja. Essa identidade, que conhecemos porque Jesus também é “vivificante”, é o cumprimento do papel de Jesus como o Messias e teve início com a sua ressurreição e ascensão ao céu. Estar em Cristo é estar igualmente no Espírito (6.11,15,19; 12.19). A associação entre Cristo, o Espírito Santo e a vida torna-se evidente em Rm 8.9-11 e 2Co 3.6,17-18.

•15.48 terreno... celestial. Eis aqui um contraste final, sugerindo que os vs. 42-44 referem-se à distinção entre o corpo humano que é terreno e o corpo humano que é celestial. Neste contexto, porém, a distinção não envolve a substância, e, sim, o fator tempo; a presente era má é contrastada com a vindoura era perfeita. Os crentes já desfrutaram de algumas das bênçãos da era vindoura (10.11, nota), mas continuam aguardando a consumação. A obra da redenção divina só estará completa com o corpo ressureto. Assim como trouxemos a imagem do primeiro Adão, visto que pertencemos a Cristo, estamos destinados a trazer a imagem do último Adão (v. 49).

•15.50 a carne e o sangue. Esta frase alude à fraqueza da existência humana terrena, e equivale à “corrupção”. Paulo estava advertindo que, sem os novos corpos “incorruptíveis”, não podemos “herdar o reino de Deus”. Como, pois, alguns dos crentes coríntios podiam negar a doutrina da ressurreição?

•15.51 mistério. Ver nota em 2.7.

nem todos dormiremos. Paulo reconhece aqui que muitos crentes não morrerão, mas estarão vivos por ocasião da volta de Cristo. Embora esses crentes não sejam ressuscitados dentre os mortos, eles também serão transformados e receberão corpos impercíveis e imortais (1Ts 4.13-18 e notas).

corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então, se cumprirá a palavra que está escrita:

^pTragada foi a morte pela vitória.

⁵⁵ ^qOnde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?

⁵⁶ O aguilhão da morte é o pecado, e ^ra força do pecado é a lei. ⁵⁷ ^sGraças a Deus, que nos dá ^ta vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo. ⁵⁸ ^uPortanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo ^vque, no Senhor, o vosso trabalho não é vão.

Acerca da coleta para os necessitados da Judéia

16 Quanto ^aà coleta para os santos, fazei vós também como ordenei às igrejas da Galácia. ² ^bNo primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte, em casa, conforme a sua prosperidade, e vá juntando, para que se não façam coletas quando eu for. ³ E, quando tiver chegado, ^cenviarei, com cartas, para levarem as vossas dadas a Jerusalém, aqueles que aprovardes. ⁴ ^dSe convier que eu também vá, eles irão comigo.

•15.54-57 Esta é uma das passagens mais eloquentes e poderosas das Escrituras. Usando de paráfrases de Isaías e de Oséias (com base na Septuaginta, a tradução do Antigo Testamento para o grego), Paulo alude ao seu argumento anterior nos vs. 24-28, assegurando-nos vigorosamente da finalidade da destruição da morte no dia da ressurreição. Esse dia também assinalará a destruição do “pecado” e da “lei”. Na sua epístola aos Romanos, Paulo explica detalhadamente como o pecado é o veneno que consegue matar a todos os homens (Rm 5.12), e como a lei, embora ela mesma seja santa, torna-se o instrumento através do qual o pecado nos pode enganar (Rm 7.7-12).

•15.58 sede firmes. Em face do ensino falso e de várias tentações, a esperança da ressurreição deveria encorajar os crentes de Corinto a perseverarem em sua fé. Contudo, a exortação para se tornarem “firmes” não implica em inatividade. Pelo contrário, os crentes de Corinto deviam ser plenamente ativos “na obra do Senhor”. Podemos facilmente nos desencorajar pensando que nosso labor pode reduzir-se a nada (Gl 2.2; Fp 2.16; 1Ts 3.5), mas podemos lembrar a promessa de que, quando Deus criar os novos céus e a nova terra, seu povo usufruirá do fruto de seus labores, quando então verão que os seus esforços nunca foram em vão (Is 65.17-25).

•16.1 Quanto à coleta. Com base em 2Co 8.1-4 e Rm 15.25-27, parece que um dos propósitos da terceira viagem missionária de Paulo era o de juntar fundos das igrejas gentílicas para os crentes judeus na Judéia, que estavam padecendo necessidade, talvez em resultado da perseguição. Ao que tudo indica, Paulo já havia falado aos crentes coríntios sobre esse projeto, em uma epístola anterior (5.9). Eles tinham pedido maiores informações, e talvez tivessem expressado reservas a respeito (Introdução: Data e Ocasião).

para os santos. Ver 1.2, nota.

•16.2 No primeiro dia da semana. A referência é ao domingo, o dia no qual o Senhor ressureto veio encontrar-se com seus discípulos (Jo 20.19,26; cf. também “o dia do Senhor”, em Ap 1.10). At 20.7 indica que os cristãos primitivos se reuniam aos domingos para “partir o pão” (que fazia parte da adoração), e teria sido apropriado designar aquele dia para reunir as oferendas.

•16.3 aqueles que aprovardes. Esse comentário talvez reflita dúvidas, da parte de alguns crentes, se Paulo deveria receber a responsabilidade única pelo dinheiro (2.1, nota).

Os projetos de Paulo

⁵ Irei ter convosco ^e por ocasião da minha passagem pela Macedônia, porque devo percorrer a Macedônia. ⁶ E bem pode ser que convosco me demore ou mesmo passe o inverno, para que me ^fencaminheis nas viagens que eu tenha de fazer. ⁷ Porque não quero, agora, ver-vos apenas de passagem, pois espero permanecer convosco algum tempo, ⁸ se o Senhor o permitir. ⁸ Ficarei, porém, em Éfeso até ao ^hPentecostes; ⁹ porque ⁱuma porta grande e oportuna para o trabalho se me abriu; e ^jhá muitos adversários.

Acerca de Timóteo e Apolo

¹⁰ E, ^kse Timóteo for, vede que esteja sem receio entre vós, porque ^mtrabalha na obra do Senhor, como também eu; ¹¹ ⁿninguém, pois, o despreze. Mas encaminhai-o ^oem paz, para que venha ter comigo, visto que o espero com os irmãos. ¹² Acerca do irmão ^pApolo, muito lhe tenho recomendado que fosse ter convosco em companhia dos irmãos, mas de modo algum era a vontade dele ir agora; irá, porém, quando se lhe deparar boa oportunidade.

As exortações finais

¹³ ^qSede vigilantes, ^rpermanecei firmes na fé, portai-vos

varonilmente, ^sfortalecei-vos. ¹⁴ ^tTodos os vossos atos sejam feitos com amor.

Estéfanas, Fortunato e Acaico

¹⁵ E agora, irmãos, eu vos peço o seguinte (sabeis que ^ua casa de Estéfanas são ^vas primícias da Acaia e que se consagraram ^xao serviço dos santos): ¹⁶ ^yque também vos sujeiteis a esses tais, como também a todo aquele que é cooperador e ^zobreiro. ¹⁷ Alegro-me com a vinda de Estéfanas, e de Fortunato, e de Acaico; ^bporque estes suprimam o que da vossa parte faltava. ¹⁸ ^cPorque trouxeram refrigério ao meu espírito e ao vosso. ^dReconhecei, pois, a homens como estes.

Saudações e a bênção

¹⁹ As igrejas da Ásia vos saúdam. No Senhor, muito vos saúdam Áquila e Priscila ^ee, bem assim, a igreja que está na casa deles. ²⁰ Todos os irmãos vos saúdam. ^fSaudai-vos uns aos outros com ósculo santo.

²¹ ^gA saudação, escrevo-a eu, Paulo, de próprio punho. ²² Se alguém ^hnão ama o Senhor, ⁱseja ^janátema. ^kMaranata! ²³ ^lA graça do Senhor Jesus seja convosco. ²⁴ O meu amor seja com todos vós, em Cristo Jesus.



⁵ ^e2Co 1.15-16 ⁶ ^fAt 15.3 ⁷ ^gTg 4.15 ⁸ ^hLv 23.15-22 ⁹ ⁱAt 14.27 / ^jAt 19.9 ¹⁰ ^kAt 19.22 ^mFp 2.20 ¹¹ ⁿ1Tm 4.12 ^oAt 15.33 ¹² ^p1Co 1.12; 3.5 ¹³ ^qMt 24.42 ^rFp 1.27; 4.1 ^s[Ef 3.16; 6.10] ¹⁴ ^t[1Pe 4.8] ¹⁵ ^u1Co 1.16 ^vRm 16.5 ^x2Co 8.4 ¹⁶ ^yHb 13.17 ^z[Hb 6.10] ¹⁷ ^b2Co 11.9 ¹⁸ ^cCl 4.8 ^dFp 2.29 ¹⁹ ^eRm 16.5 ²⁰ ^fRm 16.16 ²¹ ^gCl 4.18 ²² ^hEf 6.24 ⁱGl 1.8-9 / ^jJd 14-15 ^kLit. amaldiçoado ² ^lAram. Marana tha, Nosso Senhor, Vem!, ou Maran atha, O Nosso Senhor Vem! ²³ ^mRm 16.20

•**16.5-9** Estes versículos deixam claro que Paulo escreveu esta epístola em Éfeso e pretendia visitar Corinto por via terrestre pelo norte, em redor do mar Egeu. Tanto At 20.1-2 quanto 2Co 2.12-13 indicam que ele cumpriu esse plano. O que Paulo não previra nessa ocasião foi a necessidade anterior de fazer uma breve e desagradável visita a Corinto, pouco depois de ter escrito 1Coríntios (2Co 1.23; 2.1; 13.2; Introdução a 2Coríntios: Data e Ocasião).

•**16.10 se Timóteo for.** Antes (4.17), Paulo tinha mencionado que Timóteo seguiria como seu representante (At 19.22). Paulo queria que eles tratassem com respeito o seu cooperador mais jovem.

•**16.12 Acerca do irmão Apolo.** Ao que tudo indica, os crentes de Corinto, em sua carta, tinham pedido que Apolo retornasse a eles (Introdução: Data e Ocasião; At 18.27—19.1). Apesar da atitude imprópria dos coríntios (4.6; 4.15, nota), Paulo honrou a petição deles. Apolo não estava disposto a ir nessa ocasião, deixando para fazê-lo só mais tarde.

•**16.15-18** Esta passagem recomenda “Estéfanas, Fortunato e Acaico”, sendo que este último talvez tenha sido o portador da carta enviada pela igreja de Corinto. A ênfase de Paulo (sobretudo nas palavras “eu vos peço o seguinte... que também vos sujeiteis a esses tais”) sugere que esses homens, e Estéfanas em particular, eram líderes nomeados, mas que não desfrutavam de um respeito apropriado da parte da congregação. A frase, “o que da vossa parte faltava” não indica, necessariamente, uma crítica (o original grego, no fim de Fp 2.30, é quase idêntico), mas aqui pode sugerir que a igreja como um todo deixara de revigorar o espírito do apóstolo.

•**16.19 Ásia.** Éfeso, onde 1Coríntios foi escrita, era a cidade mais importante da

provincia romana da Ásia, na parte sudoeste da península da Anatólia, que atualmente faz parte da moderna Turquia (At 19.10).

•**Áquila e Priscila.** Esse casal desempenhou um importante papel durante a visita inicial de Paulo a Corinto (At 18.1-3), pelo que a congregação conhecia bem os dois.

•**16.20 com ósculo santo.** Uma saudação normal na Igreja Primitiva. Embora essa prática não fosse incomum tanto no judaísmo como na cultura romana, a palavra “santo” indica uma significação adicional a essa saudação entre os santos, visto que representava o relacionamento especial de irmãos e irmãs em Cristo.

•**16.21 de próprio punho.** Até este ponto, a epístola deve ter sido escrita por um escriba treinado (Rm 16.22), mas o costume de Paulo era adicionar pessoalmente algumas palavras de próprio punho, como se fora uma assinatura pessoal.

•**16.22 seja anátema.** Essas palavras fortes, escritas pelo próprio punho de Paulo, afirmam a autoridade apostólica por detrás da carta inteira. Esta não é uma maldição contra os incrédulos em geral, mas somente contra aqueles que rejeitam a autoridade da epístola (Gl 1.8-9; 2Ts 3.14-15).

•**Maranata.** Uma transliteração das palavras aramaicas *Marana tha* (ou *Maran atha*, “Nosso Senhor veio”), que refletem a adoração da Igreja Primitiva na Palestina.

•**16.24 O meu amor seja com todos vós.** Após uma longa epístola que consiste primariamente de severas repreensões, essas palavras afetuosas chegam até nós como uma surpresa. Paulo não havia esquecido as necessidades pastorais de sua congregação (1.2, nota).